JUROS MUDAM DE RUMO
Freio na queda das taxas aumenta o desafio para a economia e coloca mais pressão sobre a sucessão no BC

CONTAS EM DESORDEM
Para o economista Felipe Salto, o arcabouço fiscal só se sustenta se o governo começar a cortar gastos

FRANQUIAS EM ALTA
Gigante brasileira do setor, a 300 Ecossistema desembarca suas marcas na Colômbia e Argentina

ISTOÉ Dinheiro

TRÊS

Com o modelo de clube de compras, a empresa alcança 3 milhões de sócios, aumenta o faturamento em 80% e planeja dobrar o número de lojas, chegando a 100 unidades em cinco anos

Sam's Club

A joia do Carrefour brilha na contramão do varejo

HADDAD REFÉM DOS GASTOS

Nos QGs da Fazenda e do Planejamento a ordem é a mesma: uma redução completa dos gastos virou prioridade. O ministro Haddad fala em revisão "ampla, geral e irrestrita". O que na prática isso significa ainda não está completamente definido. Mas há muito no que mexer, e a equipe econômica tem plena noção disso. O País gasta, por exemplo, absurdos 12% do PIB apenas em Previdência Social. A aposentadoria de militares, servidores públicos em geral e políticos – a casta intocável de privilegiados do poder — segue sendo uma aberração no País que deixa boa parte dos pensionistas privados à míngua. A desproporção é gigante, e os lobbies interrompem qualquer discussão nesse sentido. Não dá mais para cumprir meta fiscal ampliando receita e isso vai ficando claro para todo mundo à medida que o Orçamento estoura a olhos vistos. Parece urgente desvincular os benefícios do INSS do salário mínimo e as despesas com Saúde e Educação da arrecadação, decisões antipáticas que esbarram em resistências de toda ordem.

No meio do tiroteio, Haddad vive um inferno astral. Nos últimos dias sua cabeça foi colocada à prêmio nas bolsas de apostas. Muitos davam sua saída do governo como certa e o presidente Lula teve de vir pessoalmente defender seu auxiliar, elogiando seu desempenho "extraordinário" e alegando desconhecer pressão para trocá-lo. Sabe que não é bem assim. Muitos estão na ala dos detratores de Haddad, a começar pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que não engole o estilo visto por ele como pouco negociador do ministro. Haddad, enquanto isso, resolveu impor um ritmo intenso na agenda de cortes. Quer meter a mão no vespeiro das emendas parlamentares, reduzir o espaço para dispêndios discricionários, entre os quais estão incluídos gastos de custeio e investimentos, além de mexer na máquina numa espécie de minirreforma administrativa. São desafios hercúleos por atacar vantagens que ninguém quer perder. Para ilustrar a situação, tome-se o caso dos setores empresariais brindados com isenções que somam no total mais de R$ 90 bilhões ao ano. Eles são os que mais criticam o governo e os que entendem existir um descontrole fiscal perigoso, mas não abrem mão dos incentivos e lutam para a perpetuação dos mesmos. É aquela história de uma defesa geral a favor dos cortes, desde que não afetem o meu quinhão. Assim fica difícil, e é por isso mesmo que nada avança e cai no colo do ministro a culpa pelos rombos em cascata.

Para aliviar a pressão, Lula conseguiu recentemente cravar uma vitória angariando R$ 19,8 bilhões de receita extra via Petrobras. Em compensação, os abonos, seguro-desemprego e BPC, sem revisões, exigirão aumento de R$ 82,5 bilhões em despesas até 2028, dado o número crescente de beneficiários. Há pouco espaço para negociação, e Haddad se ressente disso, exigindo que o Congresso ofereça também soluções. Ele se queixou nesse sentido até diretamente a Lula, que acabou acolhendo as ideias do ministro e resolveu entrar na cruzada por soluções. De uma maneira ou de outra, mesmo assim, é o ministro Haddad quem segue refém das pressões e do destino dos gastos.

Carlos José Marques
Diretor editorial

 FOTOS: PEDRO GONTIJO I ANA PAULA PAIVA/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

Índice

CAPA Foto: Claudio Gatti

NONONON

A TEMPESTADE DO NUBANK

Há pouco mais de três semanas o Nubank estampou o noticiário com uma agenda bastante positiva. O banco digital havia conseguido passar o Itaú e galgar a primeira colocação entre as instituições financeiras mais valiosas do Brasil. Poucas semanas depois, novamente o aplicativo roxinho voltou às manchetes, mas agora associado a um tema não tão positivo. Sua fundadora, *Cristina Junqueira*, fez um post polêmico no Instagram. A imagem compartilhada pela executiva mostrava um convite recebido para um evento do Brasil Paralelo, com participação do psicólogo Jordan Peterson, tão popular quanto controverso pelo conteúdo de suas palestras e publicações. Como resultados internautas organizaram boicote aos produtos da companhia.

RANKING

Brasil menos competitivo

O Brasil caiu dois postos e passou a ocupar a 62ª posição em um ranking de competitividade global abrangendo 65 países, elaborado pelo International Institute for Management Development (IMD). A edição do World Competitiveness Ranking (WCR) de 2024 colocou Cingapura na primeira posição, seguida por Suíça e Dinamarca. O Brasil vem caindo na avaliação, passando do 56º posto em 2020 para o 57º lugar no ano seguinte, para 59ª posição em 2022 e para a 60ª no ano passado. Pelo ranking, em 2024, o País só ficou à frente de Peru, Nigéria, Gana, Argentina e Venezuela. Pelos critérios do ranking, a única evolução foi no Desempenho Econômico, com o Brasil passando do 41º posto no ano passado para o 38º lugar. O pior desempenho do país ficou em Eficiência Governamental (65ª posição). Nos demais critérios, a Eficiência Empresarial ficou em 61º lugar e a Infraestrutura ficou em 58º. Para a Fundação Dom Cabral, que é parceira no estudo, entre os desafios para melhorar sua posição estão: investir substancialmente no acesso da população à educação básica de qualidade; requalificar profissionais para mudanças tecnológicas dinâmicas; melhorar a infraestrutura e a logística para aumentar a resiliência e o crescimento econômico; ampliar a igualdade e a inclusão; e melhorar a capacidade das organizações em desenvolver inovações de ponta.

CLUBE DOS EMERGENTES

Malásia se prepara para o Brics

A Malásia está se preparando para se juntar ao Brics, disse Anwar Ibrahim, primeiro-ministro do país em uma entrevista ao veículo chinês Guancha. O grupo recebe o nome pelo acrônimo formado por seus primeiros membros — Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. No ano passado, o Brics começou a expandir seus membros, buscando desafiar uma ordem mundial dominada pelas economias ocidentais, com o convite à adesão de Arábia Saudita, Irã, Etiópia, Egito, Argentina e Emirados Árabes Unidos, e mais de 40 países expressando interesse.

INTERNACIONAL

FMI piora projeções para a Argentina

O Fundo Monetário Internacional (FMI) piorou na segunda-feira (17) a previsão de crescimento para a Argentina, estimando uma contração de 3,5% em 2024, e melhorou a de inflação anual média para 233%. O argumento é que há um alerta para o risco de que a recessão se prolongue "alimentando tensões sociais" e prejudique a economia. A instituição financeira publicou um relatório detalhado no qual se mostra satisfeita com o plano "motosserra" do presidente ultraliberal Javier Milei para cortar drasticamente os gastos do Estado, mas faz algumas ressalvas e pede mais reformas. "É preciso olhar com atenção para as tensões sociais para que não se mantenha o ritmo das reformas, como a da mudança no imposto de renda", afirmou Gita Gopinath, a número dois do FMI, depois que o conselho executivo do organismo aprovou na quinta-feira (13) a oitava revisão do acordo de crédito acordado com o país.Essa aprovação permitiu um desembolso imediato de cerca de US$ 800 milhões

 FOTOS: NELSON ALMEIDA I DIVULGAÇÃO

O Brasil Paralelo é uma empresa de mídia que recebem constantes críticas por sua linha editorial. Alguns destes assuntos envolvem o negacionismo climático, a revisão da história de Maria da Penha e abordagens de períodos históricos com informações distorcidas. Em nota, a empresa diz que os comentários sobre uma ligação entre a fintech e Brasil Paralelo não passam de especulações. "Nossa co-fundadora recebeu — e agradeceu — um convite para o lançamento de um livro de um autor canadense, organizado em parceria com um veículo de comunicação. Reiteramos que Cristina Junqueira não tem qualquer parceria com os organizadores do evento, e que o Nubank não patrocina essa organização nem endossa seus conteúdos." Christina, que também já fez comentários problemáticos sobre contratação de pessoas negras, enfrenta mais uma tempestade, à espera da calmaria.

FUNDO ELEITORAL

Lula libera R$ 5,5 bilhões para educação

O Partido Liberal (PL), do ex-presidente Jair Bolsonaro, e o Partido dos Trabalhadores (PT), do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as duas forças que vêm polarizando a política brasileira nos últimos anos, são as legendas que lideram o ranking do chamado "fundão eleitoral" de R$ 5 bilhões, de acordo com dados divulgados, na segunda-feira (17), pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Ao todo, segundo a Justiça Eleitoral, 29 partidos brasileiros com registro no TSE receberão R$ 4,961 bilhões do chamado Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), para gastos com as campanhas municipais deste ano. Confira os valores dos 10 partidos que mais receberão recursos.

Fonte: TSE

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE HUGO CILO

EDITORES: Alexandre Inacio, Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Aline Almeida, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 •
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

INCERTEZA ECONÔMICA É O NOVO NORMAL

As turbulências econômicas internas e externas têm gerado uma dança das cadeiras dentro das maiores companhias globais. Mais de 80 novos diretores financeiros foram nomeados no primeiro trimestre de 2024, segundo o Índice Global de Rotatividade de CFO, estudo da consultoria Russell Reynolds, especializada em desenvolvimento de lideranças. A taxa é um indicador de tendências mais amplas do mercado de forma geral, evidenciando o "novo normal", que é a incerteza econômica em todo o mundo. As empresas estão se acostumando com o cenário e realizando planejamentos sucessórios dentro das organizações, com 55% dos novos gestores da área de Finanças sendo talentos internos. "Observamos uma estabilidade nas mudanças na cadeira. Ainda estamos passando por momentos turbulentos, mas as organizações estão sendo capazes de administrar melhor o cenário, com planos de sucessão mais robustos, priorizando talentos internos e também preferindo CFOs mais experientes para navegar no mercado econômico complexo", afirmou **Fernando Machado**, sócio-diretor da Russell Reynolds e líder de prática financeira.

EUROPA VAI AO INTERIOR DA BA

Umas das maiores e mais tradicionais empresas brasileiras do setor de filtros, a Europa Purificadores vai investir, em parceria com a startup de impacto socioambiental Sustainable Development & Water For All

WAYRA ACELERA NAS AQUISIÇÕES

A Wayra Brasil, fundo de Corporate Venture Capital da Vivo, acaba de incorporar mais uma startup ao seu portfólio: a Fiibo, multiplataforma de saúde e bem-estar. A Wayra, sob comando do executivo **Phillip Trauer**, não revela os valores por rodada, mas afirma que os cheques são de até R$ 2 milhões nas empresas early stage. A startup tem como proposta democratizar o acesso à saúde corporativa, conectando prestadores de serviços de saúde a empresas. Já são mais de 1,2 mil produtos ofertados na plataforma, como planos de saúde e odontológicos, telemedicina, nutrição, procedimentos estéticos, vacinas, pacotes de consultas, medicamentos e exames.

MAIS CALDO NO FEIJÃO

A Kicaldo, marca líder no segmento de feijão, vai investir R$ 45 milhões para inaugurar uma nova fábrica na Bahia, a mais

 FOTOS: DANIEL SANTOS | EVANDRO DORTA | DIVULGAÇÃO

DA BAHIA

(SDW), na campanha "Elas por 40" para arrecadar fundos e doar dispositivos de desinfecção da água na região de Lage dos Negros, no interior da Bahia, que não têm acesso à água tratada. Com faturamento de mais de R$ 1 bilhão no ano passado, a empresa comanda pela herdeira e CEO **Manuella Curti** quer se consolidar como uma protagonista nas ações de apoio a comunidades carentes no País.

moderna do segmento no País. A nova unidade, nos arredores de Feira de Santana, será a maior em produção de farofa e terá portfólio de mais de 20 itens. "Temos uma tradição já consolidada com nossos grãos e estamos trazendo a mesma qualidade para a nossa farofa", disse o fundador e presidente, **Mauro Bortolanza**.

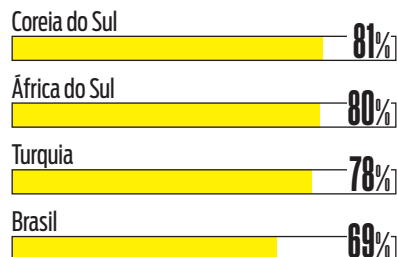
FOCO TOTAL NAS SIMBIOSES POSSÍVEIS

O empresário **Ricardo Al Makul**, fundador do Knowledge Exchange Sessions (KES), plataforma especializada em treinamento de líderes, vai promover na Bahia, em agosto, o KES Summit 2024, sob o tema "Simbioses Possíveis". A ideia é reunir líderes globais para discutir parcerias entre diferentes setores para gera soluções inovadoras para desafios complexos, desde crises climáticas até questões de saúde mental e tecnologia. Entre os participantes já anunciados para a edição estão nomes como Galit Ariel, escolhida em 2022 pela Forbes como uma das 40 futuristas mais influentes do mundo, e Jahkini Besselink, pesquisadora e consultora em geração Z e ex-Youth Representative da ONU. A rede do KES tem hoje 800 especialistas, incluindo Amy Webb, Jaron Lanier, Muhammad Yunus e Juan Manuel Santos.

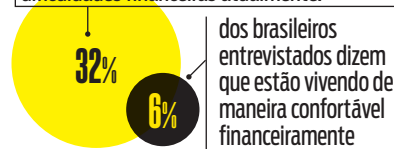
O FANTASMA DOS JUROS ALTOS

A PESQUISA MONITOR DO CUSTO DE VIDA, REALIZADA SEMESTRALMENTE PELA IPSOS, MOSTRA QUE OS BRASILEIROS ESTÃO PREOCUPADOS COM O CUSTO DOS JUROS NO ORÇAMENTO...

OS PAÍSES MAIS PREOCUPADOS COM A TAXA DE JUROS SÃO:

País	%
Coreia do Sul	81%
África do Sul	80%
Turquia	78%
Brasil	69%

OS BRASILEIROS ENTREVISTADOS ACREDITAM QUE OS JUROS CONTRIBUEM MUITO PARA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA.

32% dizem estar passando dificuldade ou muitas dificuldades financeiras atualmente.

6% dos brasileiros entrevistados dizem que estão vivendo de maneira confortável financeiramente

COMO COMPARAÇÃO, A MESMA PERGUNTA NA ARGENTINA SE DESTACA COMO PAÍS COM A PIOR SITUAÇÃO:

3% disseram que estão vivendo de maneira confortável financeiramente

57% dizem estar passando dificuldade ou muitas dificuldades

Fonte: Ipsos

ENTREVISTA | **Felipe Salto**, economista-chefe da Warren Investimentos

"Não há ajuste fiscal que perdure sem mexer nas emendas parlamentares"

Com passagens na Fazenda do estado de São Paulo e no IFI, economista se tornou voz de destaque contra os problemas na atual Reforma Tributária

Jaqueline MENDES

 FOTO: DIVULGAÇÃO

Considerado um dos principais especialistas em contas públicas da atualidade, Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos, acompanha com apreensão a queda de braço entre o mercado e o governo, liderado no campo econômico pelo ministro Fernando Haddad. O ex-secretário da Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo e ex-diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado Federal, Salto reconhece uma piora do ambiente fiscal, apesar dos avanços na arrecadação, mas enxerga um certo exagero no tom das críticas. Em entrevista à DINHEIRO, Salto falou sobre os principais temas que envolvem a economia e a política hoje.

DINHEIRO — Qual a sua avaliação do atual momento da economia?

FELIPE SALTO — Há uma combinação de fatores, incluindo questões externas e internas. No segundo semestre do ano passado, havia um consenso do mercado a respeito do que viria a ocorrer com as taxas de juros americanas. Com os dados mais fortes por lá, incluindo mercado de trabalho, inflação e atividade econômica, essa perspectiva se alterou. Isto é, passou-se a não vislumbrar mais uma redução de juros no curto prazo. Nos últimos dias, dados mais fracos de inflação e declarações dos dirigentes do Fed ajudaram a formar a perspectiva de que pode haver o início das quedas nos juros, o que melhorou o quadro para nós.

> Sou contrário a essa reforma desde o início. Fiz essas críticas para os amigos que hoje estão comandando o tema no governo. Não adiantou. Paciência"

Essa situação deve se prolongar?

Não custa lembrar que o diferencial de juros (internos e externos) é fundamental na formação da taxa de câmbio, domesticamente, e, portanto, da inflação. Do ponto de vista doméstico, a questão fiscal preocupa. Não vejo terra arrasada. Longe disso. Haddad fez uma série de avanços. Ao menos nove medidas para recompor a base da arrecadação, como o fim da subvenção baseada no ICMS (MP 1.185). A questão é que o PLDO para 2025 afrouxou com possibilidade de abatimentos contábeis, o que permite a entrega de déficit, no ano que vem, mesmo com uma meta formal fixada em zero.

Por que o arcabouço fiscal tem preocupado tanto o mercado?

A mudança no arcabouço fiscal para antecipar o uso do mecanismo que permite considerar a projeção de receita deste ano para majorar o limite de gastos e a questão do contingenciamento, com uma regra mais frouxa apresentada no texto da LDO, turvaram a confiança do mercado. Há um exagero nisso tudo, porque as contas estão melhorando, mas o mercado parece estar à espera de medidas concretas do lado do gasto. Eis o desafio.

Mas ele se sustenta?

É uma boa regra e dependerá de mudanças em políticas centrais para sobreviver. É parte do seu cumprimento o avanço dessa agenda. Me refiro à Previdência, aos gastos sociais que ocupam espaço de políticas públicas boas, como o Bolsa-Família, e não geram o mesmo resultado, a exemplo do Abono Salarial, que vai para quem está empregado. Temos de avançar com a reforma administrativa e discutir a política salarial, além de debater também os gastos tributários, que continuam a representar uma grande vergonha para todos nós, brasileiros. Quero lembrar que apenas com gastos de saúde abatidos nas nossas declarações do Imposto de Renda, e me incluo nisso, vão-se embora R$ 25 bilhões. É justo isso? Claro que não. Temos de por a colher nessa cumbuca e revisar essas iniquidades também.

Como o senhor vê a Reforma Tributária?

A Reforma Tributária contida na Emenda Constitucional nº 132/2023 é um desastre. Exceto pela CBS, que unifica PIS/Pasep e Cofins, o que deve acontecer sem maiores percalços, até porque já se alimenta essa ideia há tempos, o resto é muito ruim. A parte do IBS, que vai juntar o ICMS, estadual, com o ISS, municipal, é um mergulho no escuro. Haverá um Comitê Gestor, que a meu ver é inconstitucional, porque fere o pacto federativo, para substituir os governadores e governadoras na gestão do próprio tributo. Serão 54 representantes para comandar a partilha, a arrecadação, a distribuição de créditos, a regulamentação, o contencioso. É o fim da Federação como a conhecemos. O IBS é tão intrincado que tiveram de colocar o início da transição dos antigos para o novo tributo apenas em 2029! Essa transição durará quatro anos e, em dezembro de 2032, às vésperas do fim dos antigos tributos (ICMS e ISS), suas alíquotas ainda representarão 60% das atuais. Quem acredita que algo passaria de 60% a zero? É pura história da Carochinha.

Se é tão ruim, porque passou?

Para viabilizar essa aventura, criaram-se diversos fundos, sendo os principais o Fundo para Compensação do Fim dos Incentivos Fiscais e o Fundo de Desenvolvimento Regional. Já em 2025 eles começarão a receber recursos da União, na bagatela de R$ 8 bilhões iniciais. Na soma até 2043, vão ser quase R$ 800 bilhões em recursos para os fundos. Além do mais, não se demonstrou, até agora, como funcionará o sistema de partilha e distribuição de créditos tributários, que prometem ser automático. De duas uma: ou vão erodir a arrecadação dos Estados ou vão fixar a alíquota de referência na lua para dar conta disso. Sou contrário a essa reforma desde o nascedouro. Já fiz todas essas críticas para os amigos que hoje estão comandando o tema no governo. Não adiantou. Paciência.

E a questão fiscal do governo? Existe uma queda de braço entre aumento de impostos e redução de despesas...

O Ministro Fernando Haddad já fez muita coisa. Cito as medidas de elevação de receita, combatendo benesses que remanesciam há décadas. A arrecadação está reagindo bem. Em maio, pelo que constatei no Sistema SIGA-Brasil, na minha coleta realizada aqui pelo time da Warren Investimentos, as receitas líquidas do governo central estão

crescendo 9,7% acima da inflação. De janeiro a maio, provavelmente, devemos ter encerrado com crescimento acima de 9%. É muito bom. Ocorre é que faltam medidas do lado do gasto. É tão difícil cortar renúncias tributárias, que hoje somam mais de meio trilhão de reais, conforme dados do Demonstrativo de Gastos Tributários (DGT), quanto cortar gastos públicos. Há um grau de engessamento grande e é preciso avançar com a desvinculação e da desindexação.

Como resolver isso?
É hora de colocar o dedo na ferida das emendas parlamentares, que já somam o mesmo volume de recursos destinados ao principal programa de investimentos do Governo, o Novo PAC. Essa questão precisa ser urgentemente modificada. Não há hipótese de se promover um ajuste fiscal permanente, que perdure, sem mexer nas emendas parlamentares. Tem que alterar esses pontos. E isso passa por reforma constitucional. De todo modo, estamos longe de um quadro fiscal de risco. A dívida é alta e crescente, mas se a nova regra fiscal aprovada no ano passado for respeitada, é meio caminho andado. O que não se pode é cair no canto das sereias e alterar a meta fiscal do ano. Seria um grande tiro no pé.

Para gerar arrecadação, como o governo pode capitalizar a agenda verde?
A agenda da Transição Ecológica, como vem chamando o Ministro Haddad, é central, a meu ver, para o Brasil se reposicionar após um período em que nos tornamos párias, de 2019 a 2022. A Amazônia é um ativo importantíssimo, que precisa ser tratado à altura. A política externa e a política econômica andam de mãos dadas. O crescimento econômico não pode ser mais algo apartado dos demais desafios - ambientais, sociais e culturais. Vejo, nesse aspecto, um avanço com o governo atual, sobretudo pela pasta da Fazenda, que é comandada por alguém que há muito tem esse matiz, seja pela formação seja pelo histórico nas diferentes áreas de políticas públicas em que atuou.

Em relação aos acordos comerciais, onde o Brasil pode buscar novos parceiros?
É preciso retomar o multilateralismo, o que o presidente Lula já parece estar fazendo, seja por meio da recolocação do país como um player relevante, que se senta à mesa de negociação e debate o futuro do mundo e os interesses nacionais, seja por meio de políticas públicas, na área externa, que valorizem o comércio exterior. Temos muitas vantagens comparativas em diversas áreas e precisamos retomar políticas voltadas à indústria nacional e a competitividade frente aos outros países. A Nova Indústria Brasil, com Alckmin, notadamente, é uma boa iniciativa, sobretudo porque o BNDES está assumindo um papel relevante sem macular as contas públicas. Ao contrário, os bons resultados do banco devem até colaborar com mais receitas de dividendos, pelo que vejo.

A Reforma Tributária é um desastre. A parte do IBS, que vai juntar o ICMS, estadual, com o ISS, municipal, é um mergulho no escuro”

Mas ela é suficiente para melhorar a colocação do Brasil no ranking de competitividade?
Há um longo caminho a percorrer. Precisamos aumentar muito os investimentos agregados da economia, tanto pelo setor público quanto pelo privado. Com taxas de juros elevadas, como praticamos hoje, nada feito. Será preciso um reequilíbrio da política macroeconômica combinado com iniciativas que abram espaço relevante no orçamento público para elevar os investimentos de boa qualidade, acompanhados de avaliação e monitoramento. Isso é fundamental. Esse reequilíbrio, a meu ver, passa fortemente por uma política fiscal sólida intertemporalmente.

O plano de Haddad de desvincular a obrigatoriedade dos investimentos em saúde e educação é uma boa ideia?
A vinculação da Saúde e da Educação à receita é uma ideia que precisa ser repensada. Essa previsão constitucional acaba motivando gastos ineficientes, sem necessariamente promover a melhoria das políticas públicas ofertadas nessas áreas. Seria importante retomar a gestão do Orçamento, que foi completamente tomada, na parte discricionária, pelo Congresso Nacional. É urgente promover uma reforma orçamentária e fiscal à altura, inclusive rediscutindo as bases da Lei nº 4.320/1964, que foi recepcionada pela Constituição de 1988 e está por ser reformada desde então. Hoje, o desafio é este. Vale dizer: 93,6% do Orçamento Federal é marcado por vinculações, indexações e/ou obrigações. Não há como gerenciar o país e financiar o seu desenvolvimento com tão pouco espaço, sendo tudo definido antes e, quando a receita sobe, se movimentando e ensejando mais e mais gastos públicos sem avaliação.

Qual será o impacto do Rio Grande do Sul no crescimento deste ano?
O Rio Grande do Sul representa algo como 7% da economia nacional. Portanto, o desastre ali ocorrido, além de ser uma calamidade, uma tragédia humana, produzirá efeitos sobre a atividade econômica. Mas não vejo isso como decisivo para o desempenho agregado do PIB, que deve crescer ao redor de 2,2% em 2024. As receitas públicas devem ser parcialmente afetadas e o gasto público também. As liberações de crédito extraordinário foram relevantes e o gasto financeiro já comprometido também. E não há como ser de outra forma. A Fazenda está conduzindo bem, a meu ver, a liberação de dinheiro nessas frentes, sem exagerar e sem deixar faltar.

Quais são as suas previsões sobre inflação, PIB, dívida pública, balança comercial?
A expectativa é que o IPCA deva encerrar o ano em torno de 4%, de acordo com nossas projeções atuais. Já a dívida bruta do governo deverá fechar 2024 em 78,4% do PIB. E o PIB deve crescer a 2,2%. Já a balança comercial deve encerrar com saldo positivo de US$ 80 bilhões.

Melhoramentos vai construir fábrica de embalagens sustentáveis

A Melhoramentos vai construir uma fábrica de embalagens sustentáveis. A empresa, que atua nos segmentos editorial, papel e celulose e imobiliário, pretende desembolsar R$ 40 milhões para levantar em Camanducaia (MG) uma planta para produzir embalagens biodegradáveis à base de fibra de celulose.
A ideia é fabricar embalagens 100% compostáveis, feitas de matéria-prima renovável que se decompõe naturalmente em até 75 dias. Projetadas para resistir à gordura, umidade e temperaturas extremas, as embalagens poderão ser usadas desde o freezer até o forno a 220 graus.
"Os seres humanos produzem cerca de 400 milhões de toneladas de resíduos plásticos por ano, sendo metade destinada a embalagens de uso único que poluem aterros, rios e oceanos. As embalagens de fibra de celulose representam uma mudança significativa para um futuro mais sustentável, facilitando a reutilização, reciclagem ou compostagem", afirma Carolina Alcoforado, diretora de novos negócios e inovação da Melhoramentos.
De largada, a fábrica terá capacidade para 60 milhões de embalagens por ano e deve entrar em operação no primeiro trimestre de 2025 e será instalada no parque fabril que a Melhoramentos já mantém no município. O projeto foi desenvolvido em parceria com a startup israelense W-Cycle, especialista em soluções de embalagens sustentáveis.

PAINEL SOLAR

MORTOS VÃO GERAR **ENERGIA NA ESPANHA**

Na busca de fontes limpas para geração da energia, a Espanha está dando um passo, no mínimo, ousado. A cidade de Valência está usando seus cemitérios para instalar paineis fotovoltaicos, com a ambiciosa meta de se transformar no maior parque solar urbano do país. Batizado de RIP (Requiem in Power), o projeto já instalou 810 paineis nos cemitérios de Grau, Campanar e Benimàmet. O objetivo é chegar a 6.658, gerar um total de 440 quilowatts por ano e deixar de emitir 140 toneladas de carbono.

TRABALHO

SIEMENS ASSINA PROTOCOLO PARA EQUIDADE **RACIAL NO PAÍS**

A alemã Siemens acaba de aderir ao Pacto de Promoção da Equidade Racial. A ideia é implementar na empresa um protocolo ESG específico para o tema. O documento foi assinado pelo CEO da Siemens Brasil, Pablo Fava e representantes do pacto. Chamado DiverSifica, o programa de diversidade, equidade e inclusão da Siemens prevê ações para identificar e a desenvolver o potencial de pessoas que enfrentam dificuldades devido ao perfil racial, gênero, orientação sexual, idade, deficiência, entre outros fatores.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

EMBALAGEM

SALTON REDUZ USO DE **VIDRO, PLÁSTICO E PAPELÃO**

A Vinícola Salton está mexendo no vidro de suas garrafas para reduzir seu impacto no meio ambiente. A empresa passou a adotar garrafas "aliviadas", ou seja, embalagens que possuem uma menor quantidade de vidro em sua composição, produzindo menos resíduos e gerando menos emissões de CO2 no processo de fabricação.

No ano passado, a Salton usou as garrafas "aliviadas" em 17% de seu portfólio. Em 2024, as garrafas tradicionais de outras linhas de produtos começarão a ser substituídas, o que vai elevar para 20% a participação das embalagens mais sustentáveis no total usado pela vinícola. "Além da menor geração de carbono, esse modelo impacta também em todas as etapas de transporte. Garrafas aliviadas diminuem em até 30% o peso de um caminhão que transporta mil garrafas", afirma Maurício Salton, diretor-presidente da vinícola.

Nem mesmo o tradicional conhaque Presidente ficou de fora das mudanças. A Salton resolveu remover a válvula da tampa da embalagem, também conhecido como dosador. O ajuste levou à redução de mais de 9 toneladas de plástico em 2023. Neste ano, esse projeto está sendo expandido para as demais linhas de destilados, o que irá proporcionar uma diminuição ainda maior na geração de plástico.

REFLORESTAMENTO

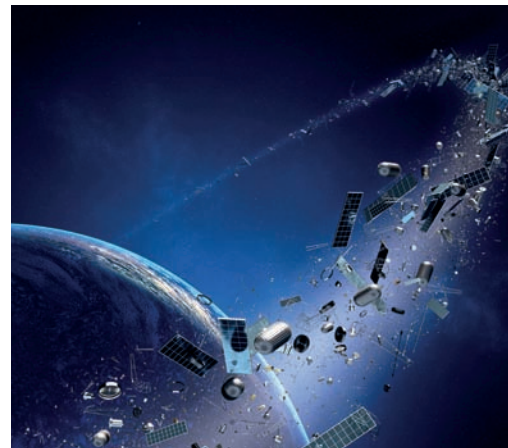
ATIVOS FLORESTAIS ATRAEM INVESTIMENTOS PARA O BRASIL

O último relatório da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) indica que o setor de árvores cultivadas alcançou a maior contribuição em 11 anos para o Produto Interno Bruto (PIB) nacional, de 1,3%. Com o crescimento da atividade, a silvicultura brasileira está na mira de investidores de países como a Rússia, Austrália, Panamá e África do Sul, que escolheram Minas Gerais para investir e para obter lucros a longo prazo. De acordo com a entidade, a produção sustentável de madeira, sem desmatar áreas nativas, está cada vez mais na mira de investidores, levando em conta os rumos que a economia tem tomado. O Brasil tem se destacado e alcançou receita bruta de R$260 bilhões no ramo de árvores plantadas, segundo os últimos dados do IBÁ. Um dos projetos mais conhecidos é do Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), que mantém um Polo Florestal de Mogno Africano em Pompéu com a extensão de 4.400 hectares, a 175 quilômetros a noroeste de Belo Horizonte, e que tem recebido investimentos estrangeiros desde 2020.

POLUIÇÃO

COMBATE AO **LIXO ESPACIAL**

Está mais difícil poluir o espaço. A Federal Communications Commission (FCC), responsável por regular a comunicação por rádio, televisão, fio, satélite e cabo nos EUA, está apertando o cerco sobre as empresas que geram detritos espaciais. A agência ganhou força depois de o governo americano ter aplicado uma multa de US$ 150 mil à Dish Network, por não ter conseguido tirar de órbita um satélite antigo. Essa foi a primeira sanção do gênero, mas deu força ao trabalho da FCC. Segundo Moriba Jah, professor de engenharia espacial da Universidade do Texas, as principais empresas infratoras estão nos EUA, China e Rússia. Em sua avaliação, uma lista pública dos infratores poderia ajudar na conscientização do problema. Ainda que a FCC tenha feito uma incursão histórica, não está claro como ela e outros reguladores conseguirão traduzir em ações práticas o processo de visibilidade sobre quais objetos lançados ao espaço estão em situação não-conforme.

TRÊS PASSOS ESSENCIAIS PARA A TRANSIÇÃO CIRCULAR

BEATRIZ LUZ
É FUNDADORA E DIRETORA DA EXCHANGE 4 CHANGE BRASIL E DO HUB DE ECONOMIA CIRCULAR BRASIL

Não é novidade que produzimos e consumimos em uma velocidade muito maior do que o planeta é capaz de se regenerar. O crescimento desordenado das cidades e a falta de um olhar sistêmico, focado no longo prazo, está se refletindo em desastres que destroem vidas e nos levam a gastos exorbitantes e impactos ambientais e sociais que poderiam ter sido evitados. Precisamos urgentemente de uma nova mentalidade de negócios capaz de transformar a nossa forma de viver e de tratar o planeta.

A partir da experiência de diversos países e a vivência da realidade brasileira, concluímos que existem três passos fundamentais para a busca por um novo modelo econômico – independente de diferenças geográficas, econômicas e culturais.

O primeiro passo para a transição circular é a construção de uma visão comum a todos os atores envolvidos, fortalecendo um ambiente de debate e negociações entre indústrias, empresas, o poder público e a sociedade civil. Somente com bases e relações fortalecidas é possível definir metas e construir planos de ação integrados, afinal, é crucial que se estabeleça um modelo colaborativo e rentável.

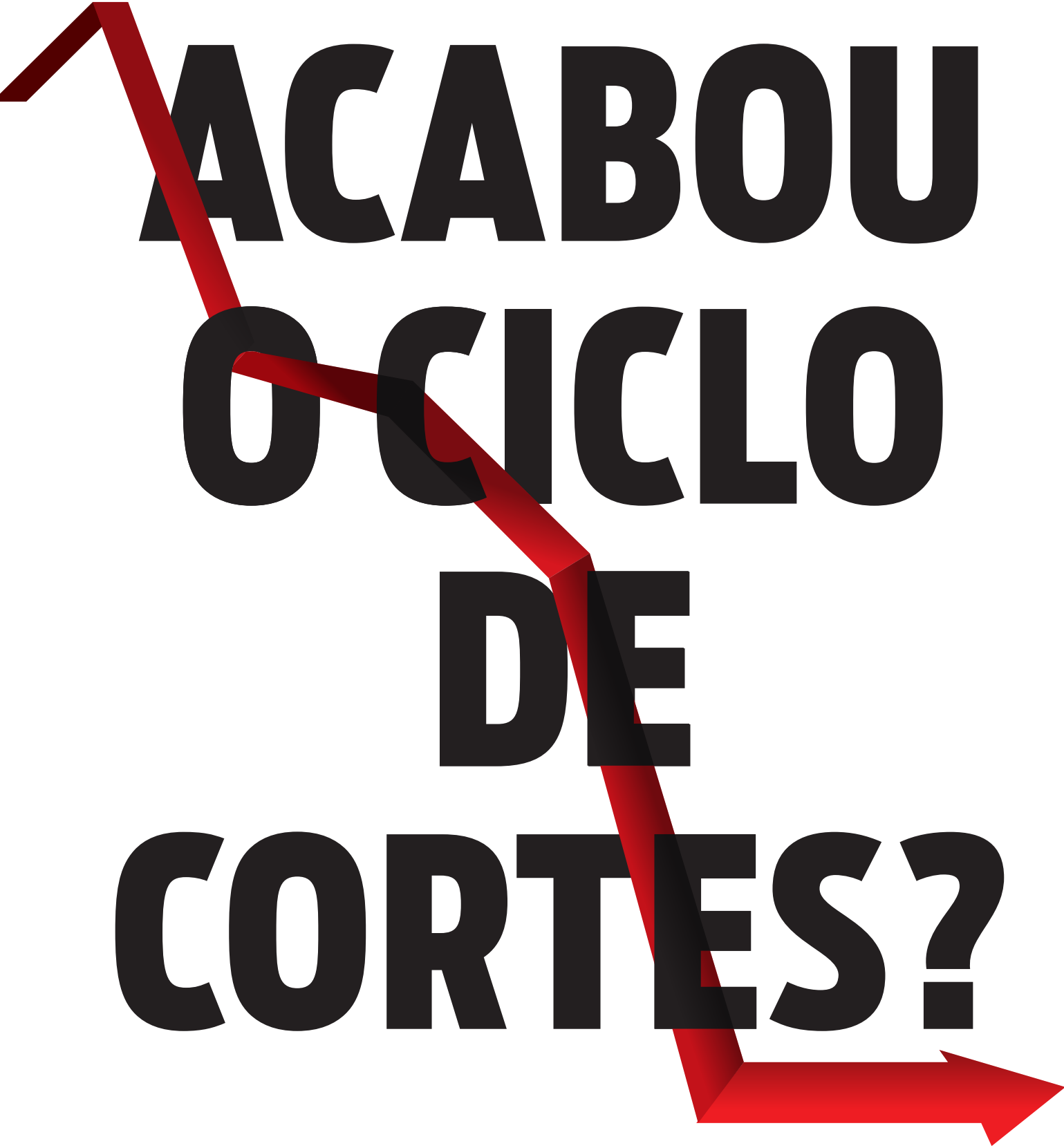
Em seguida, devemos entender que a solução está nas pessoas e nos dados. E, claro, as pessoas nos levam aos dados. Esse compartilhamento de informações é a espinha dorsal do sucesso, mas exige uma base de confiança sólida entre os atores para acessarmos dados de forma consistente. O comprometimento com uma troca de conhecimento de qualidade é o que trará os resultados esperados. Caso contrário, o que veremos são metas ambíguas, limitadas e com baixo índice de integridade, como observamos hoje em muitas metas Net Zero, de acordo com o Corporate Climate Responsibility Monitor.

Por fim, é hora de redefinir papéis e responsabilidades. Diferentes atores estão acostumados a trabalhar em núcleos – às vezes até dentro de suas próprias organizações. Construir iniciativas circulares por meio de novas formas de cooperação é um verdadeiro desafio. Uma nova régua econômica deve ser capaz de mensurar os custos para a indústria, mas também o quanto isso irá refletir em custos e benefícios para a nossa sociedade.

O Fórum Econômico Mundial de 2020 nos mostrou, pela primeira vez na história, que problemas relacionados ao clima dominaram a lista dos cinco principais riscos de longo prazo, com prejuízos na ordem de US$ 165 bilhões somente em 2018. Torna-se claro o senso de urgência para a transição, pois ações isoladas não são mais suficientes. Devemos abordar os desafios da sociedade atual de forma integrada e multidimensional, como parte inerente à gestão de riscos e competitividade.

Para debater o desafio e as oportunidades deste modelo, representantes de mais de 168 países se reuniram, em maio deste ano, no Fórum Global de Economia Circular, na Bélgica. O evento teve como foco a interdependência das cadeias produtivas e as possibilidades de interlocução entre o Sul e o Norte Global, para definir diretrizes com base nas necessidades e realidades de cada região.

A presença do Brasil evidenciou ainda mais que, mesmo com realidades distintas, a transição se inicia de forma semelhante em todos os países: com iniciativas colaborativas que incluam vários setores, a participação do setor público, a mudança de hábitos de consumo e a troca de experiências. Isso significa que, para transformarmos o modelo econômico, seja onde for, precisamos estar juntos na dedicação de tempo e esforço.

A fim de avançarmos com a circularidade no Brasil, muitas ações devem acontecer ao mesmo tempo. Não podemos esperar atitudes de um ou outro ator, mas, sim, um esforço multissetorial e colaborativo. A troca com especialistas internacionais também nos permite acelerar o processo. Com um arcabouço cada vez mais favorável e a sociedade, indústrias e governo engajados com o tema, temos certeza que 2024 pode se tornar o ano da economia circular no País.

ACABOU O CICLO DE CORTES?

MANUTENÇÃO DA SELIC EM 10,5% AO ANO, DEFINIDA POR UNANIMIDADE, PÕE FOGO NA BRIGA QUE COLOCA O PRESIDENTE LULA E O CHEFE DO BANCO CENTRAL, ROBERTO CAMPOS NETO, EM ROTA DE COLISÃO. ÀS VÉSPERAS DA MUDANÇA DE COMANDO DA AUTORIDADE MONETÁRIA, MERCADO REAGE BEM AO FIM DAS REDUÇÕES, ENQUANTO CADEIA PRODUTIVA RECHAÇA DECISÃO E QUESTIONA O CAMINHO ADOTADO PELO COPOM

Paula CRISTINA

Se tudo no Brasil se torna palco para polarização, não é surpresa que o andamento da política monetária brasileira também vivesse seu Fla x Flu particular. De um lado, a escola keynesiana do presidente Lula. Do outro, o estilo liberal de Roberto Campos Neto. No meio deles? O andamento da Selic. Depois de esbravejar publicamente sobre um suposto conflito de interesses do presidente do BC na condução da taxa básica de juros e alegar influência ideológica em suas decisões, Lula — que já não vive um de seus melhores momentos da terceira gestão — tomou um 9x0 na decisão colegiada sobre o andamento do da Selic, e precisou engolir até os diretores indicados por ele acompanhando a decisão do presidente Roberto Campos Neto. A derrota já era esperada, mas a goleada foi a surpresa. Agora, durante os acréscimos do jogo comandado por Campos Neto, Lula obteve a desculpa perfeita para mudar o comando do Banco este ano, ato que pode aumentar a influência política nas decisões e diminuir a independência da autarquia.

A disputa entre Lula e Campos Neto pode parecer apenas um palanque eleitoral, mas esconde uma discussão secular em países desenvolvidos. Reduzir os juros e estimular a economia (mas ficando à mercê de um aumento da inflação e comprometendo a renda da população) ou segurar os juros mais altos e frear o crescimento econômico (mantendo a inflação sob controle e, assim, sustentando o poder de compra do cidadão)? Fica evidente qual lado cada um dos personagens dessa narrativa está e, por enquanto, vence a do presidente do Banco Central.

A nota da autoridade monetária revelou que os nove diretores votaram pelo fim do ciclo de cortes e indicaram a incerteza no cenário global e doméstico, além de expectativas desancoradas, os responsáveis pela decisão de ter cautela. O comunicado do BC também reforçou o compromisso do órgão com a meta de inflação. "Eventuais ajustes futuros na taxa de juros serão ditados pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta", informou.

FUTURO Os tempos vitoriosos, no entanto, podem estar com os dias contados. Em seis meses termina o mandato de Campos Neto à frente do BC. E o próximo escolhido de Lula tende a ter características diferentes das do atual mandante. Em entrevista à CBN, Lula elencou características que espera do seu escolhido. “Precisa ser maduro e calejado”, afirmou. A frase serviu para alimentar expectativas do mercado. Fontes ligadas ao presidente dizem que não há definição sobre nomes, mas não descartaram Aloizio Mercadante (presidente do BNDES) e o ex-diretor do BC Luiz Awazu. Henrique Meirelles, que já foi presidente do BC durante a gestão de Lula, é um nome que agradaria ao mercado, mas não parece ser bem aceito pela cúpula petista. Por fim, duas figuras já conhecidas de Lula e com baixa aceitação do mercado. Os ex-ministros Guido Mantega e André Lara Resende, economista que também já presidiu o BC. A decisão que parecia mais óbvia até a reunião do dia 19 de junho era a de Gabriel Galípolo, que foi secretário do Ministério da Fazenda e indicado por Lula para a diretoria do BC. A possibilidade, no entanto, perde força com a unanimidade nos votos pela manutenção. Outro fator que pode distanciar Galípolo da cadeira de Campos Neto é a votação, no Senado Federal, sobre a autonomia financeira do BC. O assunto não é bem visto no Palácio do Planalto, que entende que tal independência afasta as decisões da autarquia dos interesses nacionais. Para Lara Resende, a medida seria “um retrocesso de 100 anos”.

MARTELO BATIDO Campos Neto fala em tensões domésticas para justificar manutenção

REFLEXOS Enchentes no Rio Grande do Sul também pressionam inflação

PRÓS E CONTRAS Na cadeia produtiva estão os principais críticos à gestão de Campos Neto, e onde o presidente Lula deve buscar apoio na escolha do novo comandante. A continuidade da taxa em dois dígitos coíbe a obtenção de crédito na ponta, dificultando a aquisição de ativos de alto valor agregado tanto entre consumidores, quanto empresas. O presidente do Sebrae, Décio Lima, afirmou que a decisão “não atende aos interesses do povo brasileiro”. Segundo ele, a cautela sinalizada com o ambiente doméstico e internacional não sustenta a decisão. “Se a inflação está em 4% não faz sentido uma Selic em mais de 10%. Uma medida que beneficia apenas os rentistas e o mercado financeiro”, disse.

De modo similar pensa a Confederação Nacional da Indústria (CNI). Segundo Ricardo Alban, que preside a entidade, a manutenção do ritmo de corte, de 0,25 ponto percentual, seria mais adequada ao momento. “Seria o suficiente para mitigar o risco financeiro suportado pelas empresas e consumidores sem prejudicar o controle da inflação”, afirmou. Na avaliação dele, a imposição de mais restrição à atividade econômica cobrará um preço no crescimento do PIB, em um cenário em que a atividade já se mostra mais reticente que em 2023. Além disso, complementa o executivo, se houvesse o corte, a taxa de juro real ficaria em 6,4% ao ano, “ou seja, 1,9 ponto acima da taxa de juros real neutra, ainda denotando política monetária fortemente contracionista”.

A Associação Paulista de Supermercados (Apas) afirmou que a decisão já era esperada, e teme que os efeitos dela sejam

 FOTOS: MATEUS BONOMI I SILVIO AVILA I ANDREY SINENKIY I DIVULGAÇÃO

CRÉDITO
Taxa básica de juros elevada inibe aquisição de bens de valor agregado, como imóveis e eletrométicos

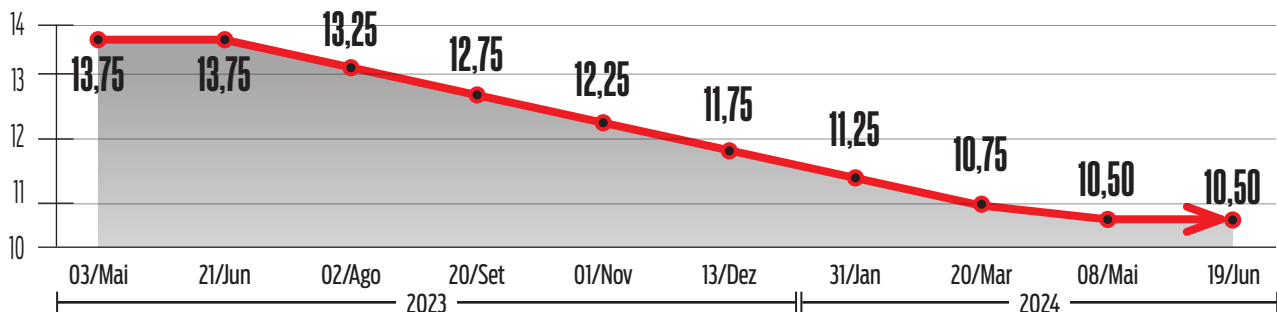
sentidos na redução da atividade, menor volume de vendas e menos disposição do empresariado em investir. A Confederação Nacional do Comércio (CNC) entende que a alta alavancagem das varejistas do setor, que enfrentam alto endividamento e uma crise mais profunda que os setores de serviços e indústria, vão sentir o peso da decisão, o que irá coibir movimentos de expansão.

No mercado financeiro, a notícia foi bem recebida. Os agentes do mercado entendem que a contração da economia neste momento será importante para uma retomada mais pujante ano que vem, e que a pressa poderia atrapalhar tal processo. O economista André Perfeito, por exemplo, entende que a manutenção não representa de um fim definitivo do ciclo, mas a contenção para reajuste adiante. "Vi com bons olhos a decisão, porque isto tirará parte da volatilidade do mercado que, por sua vez, diminuiu os prêmios de risco." Para ele, o não-corte tem a capacidade de reduzir os juros de longo prazo, o que também alivia as dívidas de empresários e equilibra o mercado futuro.

Para Gustavo Sung, economista-chefe da Suno Research, é preciso olhar o futuro. Segundo ele, a nota enviada pelo BC, a projeção é que, mantido o patamar atual da Selic, a inflação ficaria em 3,1 % ano que vem, o que seria muito próximo da meta. "Gostei do comunicado e acho que a unanimidade da votação mostra a segurança da definição."

Discutir se os efeitos negativos da Selic alta e da contração econômica são maiores que os trazidos pelo descontrole da inflação e seus desdobramentos na vida real é o mesmo que questionar lados no Fla x Flu. Há argumentos para as duas sentenças mas, no final, vale a regra de quem marcar mais gols. Desta vez, a vitória foi da contração.

CAMINHO DOS JUROS

Evolução da Selic nos últimos encontros do Copom

Fonte: Banco Central

ECONOMIA

O EQUILÍBRIO DO CORTE DE GASTOS

GOVERNO FEDERAL ENFRENTA UM TRIPLO DESAFIO QUE TEM EXIGIDO JOGO DE CINTURA DO PRESIDENTE: ZERAR DÉFICIT, CORTAR BENEFÍCIOS E PRIVILÉGIOS DA ELITE DA REPÚBLICA, ALÉM DE UM ESFORÇO PARA AUMENTAR A FATIA DO ORÇAMENTO LIVRE PARA INVESTIMENTOS

Paula CRISTINA

 ILUSTRAÇÃO: FABIO X

O presidente Lula enfrenta atualmente três desafios que suas gestões passadas à frente da República não o prepararam. O primeiro deles é o déficit fiscal. Tanto em 2003 quanto em 2007 o Brasil não tinha arrecadação menor que gastos (situação que começou na segunda gestão de Dilma Rousseff). O segundo é o percentual do Orçamento carimbado. Se no começo do século as despesas obrigatórias ficaram em menos de 60%, em 2024 a cifra está em 93%. Por fim, hoje, há uma âncora fiscal que baliza seus gastos e os condiciona à sustentabilidade financeira. Com essas três pedras no sapato do petista, não há outra escolha: é preciso cortar gastos ou aumentar impostos. E os dois caminhos parecem custosos. Mencionar a elevação de taxas e obrigações enquanto prega uma reforma que reduziria os impostos das empresas parece incoerente, e cortar gastos envolve tirar dinheiro de produtos que são caros ao presidente, como as obras do Programa de Aceleração do Crescimento e fomento à indústria. Sem respostas fáceis, Lula se reuniu com a cúpula econômica de seu governo para olhar os números e avaliar suas opções.

Simone Tebet (Planejamento) e Fernando Haddad (Fazenda) apresentaram seus diagnósticos e remédios. Na receita de Simone, revisar a custosa (e até aqui intocável) Previdência Social e benefícios dos militares. Há também intenção de estudar a redução de privilégios em outras esferas do Poder. Haddad, por sua vez, carregou uma lista de benefícios fiscais indevidos, revisão de fraudes no INSS, aprimoramento da malha fina da Receita Federal e desvinculação de parte do Orçamento para dar mais espaço de investimentos. Essas análises foram levantadas pelos membros da Junta de Execução Orçamentária (JEO) que, além de Simone e Haddad, envolve Rui Costa (Casa Civil) e Esther Dweck (Gestão e Inovação em Serviços Públicos).

À DINHEIRO, Simone afirmou que não há qualquer estudo executado, todas foram "ideias para começarmos a avaliar onde há espaço para redução de custos". "Não há uma mira em ninguém", afirmou. A afirmação vem depois de haver uma tensão nas casernas brasileiras. De acordo com um estudo do Ipea, o custo da reserva das Forças Armadas saiu de R$ 31,85 bilhões em 2014 para R$ 58,8 bilhões em 2023. Para 2030, no atual ritmo, o montante encostará em R$ 70 bilhões. O peso da farda também foi citado pelo ministro do Tribunal de Contas da União, Vital do Rêgo, na aprovação das contas do governo Lula em 2023. "Desponta o Sistema de Proteção dos Militares, cuja relação entre receitas e despesas, em 2023, foi de 15%, quando arrecadou R$ 9 bilhões e teve uma despesa de R$ 59 bilhões. No caso do RPPS [Regime Próprio de Previdência Social], a relação de cobertura foi próxima de 42%."

DESONERAÇÕES Bandeira de Haddad, a revisão das desonerações e isenções tributárias surge como uma alternativa para redução de gastos. O ministro tem travado batalhas públicas com o Congresso para negociar tais benefícios. O chefe da Fazenda, no entanto, trata o assunto como se todos os benefícios fossem herança das gestões passadas, o que não é exatamente assim. Segundo Vital do Rêgo, a multiplicação dos benefícios fiscais no País seguiu no primeiro ano da gestão Lula. Em 2023, foram instituídas outras 32 desonerações tributárias, com impacto de R$ 68 bilhões na arrecadação da União. Para exemplificar como, nem sempre, um incentivo fiscal salva uma empresa, ele citou o caso da Ford, que fechou as fábricas no Brasil em 2021 após usufruir de cerca de R$ 20 bilhões em incentivos fiscais. "A disparada da dívida pública federal em 2023 revela o quanto pode ser um contrassenso que o Estado abra mão de receitas."

A primeira batalha perdida por Haddad na busca pelo fim das desonerações

OPOSTOS
O presidente da Câmara, Arthur Lira, prega a manutenção dos benefícios fiscais, enquanto os ministros Simone Tebet (Planejamento) e Haddad (Fazenda) querem o fim das desonerações

foi o paredão Legislativo que abateu, em pleno voo, a proposta do governo de acabar com o benefício fiscal para folha de pagamento de 27 setores da economia. A medida, instituída em 2013, ainda no governo Dilma, nasceu como suporte temporário para manutenção do emprego, mas falhou nas duas coisas a que se propôs. O desemprego subiu e o benefício virou obrigação. Dez anos depois, segue o impasse para acabar com o benefício, e o plano do governo se esvaiu. A desoneração custa aos cofres públicos, em média, R$ 26 bilhões ao ano.

Sem espaço para negociar esse benefício, o plano de Haddad foi atacar outra frente, o Pis/Cofins. Com a Medida Provisória 1227/2024, o plano era arrecadar R$ 29 bilhões a mais mudando o entendimento da legislação e limitando o uso de crédito cumulativo de grandes empresas. Desta vez, quem chiou foi a cadeia produtiva. Houve muita fritura pública do ministro e desconforto com a ala mais política do governo, tudo isso enquanto o Supremo Tribunal Federal fez um alerta: vocês (leia-se Executivo e Legislativo) têm 60 dias para encontrar uma forma de repor os R$ 26 bilhões da desoneração.

REAÇÕES
Se por um lado a reoneração da folha atinge empresários da indústria, por outro o corte de gastos com o PAC também terá seu efeito nos negócios da cadeia produtiva

TIQUE-TAQUE Com o relógio correndo, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, articulou uma comissão para se debruçar sobre o tema. E não faltaram parlamentares dizendo ter a solução milagrosa. Surgiram sugestões de atualização de bens no Imposto de Renda, uma nova rodada de repatriação de recursos mantidos por brasileiros no exterior, uso de recursos judiciais e a famigerada taxação de compras internacionais até US$ 50,00 (que antes eram isentas e agora passam a exigir alíquota de 20%). O problema é que, tudo isso junto, soma R$ 16,8 bilhões ao ano, segundo uma avaliação da XP Investimentos.

A cifra, inclusive, leva em conta uma medida que pode ser considerada inconstitucional e causar um problemão para o governo. O uso dos recursos provenientes do Sistema de Valores a Receber (SVR), uma lei aprovada há sete anos, resultou em arrecadação de R$ 11 bilhões, à época, mas já foi considerada inconstitucional pelo STF. Para o economista Tiago Sbardelotto, da XP Investimentos, mesmo que uma nova legislação seja aprovada e o risco jurídico afastado, "não há um incremento de arrecadação que faça frente ao montante necessário, já que, pela média passada, o montante seria de pouco mais de R$ 2 bilhões", disse. Um esforço descomunal para um efeito mínimo. Bem ao estilo da República brasileira.

 FOTOS: TON MOLINA | FREEPIK | DIVULGAÇÃO

REAG
BELAS
ARTES
BELAS
SONORIZA
PINK FLOYD
THE WALL
SOM AO VIVO DA BANDA
PINK FLOYD DREAM
DOMINGO
16 E 23 DE
JUNHO 2024
SAIBA+
CINE REAG BELAS ARTES
RUA DA CONSOLAÇÃO, 2423

METLIFE BRILHA NO PAÍS

Seguradora americana investe no varejo brasileiro e dobra de tamanho desde a pandemia. O plano agora é repetir o feito dentro de cinco anos

Hugo CILO

Os mais experientes devem se lembrar. Durante três décadas, entre 1985 e 2016, os personagens Snoopy e Charlie Brown foram mascotes da seguradora americana MetLife. O simpático cachorrinho fez parte até da logomarca da companhia, em uma bem-sucedida estratégia de conquistar a simpatia de um consumidor, muitas vezes, pouco disposto a contratar seguros de vida ou planos de previdência. Mas, como manda a cartilha da MetLife, os personagens foram aposentados nas estratégias da empresa.

Longe dos cartoons, a vida real da MetLife está indo muito bem – e com importante ajuda do Brasil. A operação local, sob comando do presidente Breno Gomes, dobrou de tamanho nos últimos três anos, alcançou 5 milhões de clientes, R$ 13 bilhões em ativos sob gestão e atingiu lucro líquido de R$ 135,3 milhões. O bom desempenho, e melhor em todos os mercados em que a empresa atua no mundo, fez com o CEO global Michel Khalaf e seu time de altos executivos estivessem no País em maio, o que nunca havia ocorrido até então. "O Brasil tem conquistado posição de destaque nos resultados globais do grupo, com crescimento robusto em todos os produtos e segmentos em que atuamos", afirmou Gomes.

Depois de dobrar de tamanho, com uma ajuda e tanto do pós-pandemia, período em que seguro de vida passou a compor o planejamento financeiro de muitas famílias, a estratégia da MetLife para o Brasil é dobrar de tamanho novamente dentro de cinco anos. Segundo Gomes, a empresa está fortalecendo suas operações no varejo, em parceria com diversos bancos, como BTG, C6 Bank, Itaú, Safra e XP. "Em vez de crescer apenas no atacado, como produtos oferecidos como employee benefit, quere-

POTENCIAL
Para o presidente da empresa no Brasil, Breno Gomes, decisão de ir para o varejo vai acelerar a expansão nos próximos anos

POR DENTRO DA METLIFE NO BRASIL

Desempenho da companhia em 2023

R$ 4,8 BILHÕES em ativos totais

R$ 876,6 MILHÕES de patrimônio líquido alcançado

R$ 135,3 MILHÕES de lucro líquido alcançado

34.432 sinistros pagos

36,1% de índice de sinistralidade obtido

R$ 2,1 BILHÕES de receita obtida em prêmios de seguros

R$ 3,2 BILHÕES de provisões técnicas que amparam o crescimento

R$ 178,8 MILHÕES (*índice de* **158%**) de suficiência de capital obtida

Seguro de Vida

33% de crescimento em prêmios emitidos em 2023 em relação a 2022

20% de expectativa de crescimento em 2024

R$ 38 MILHÕES de investimento em inovação e tecnologia neste ano

Fonte: empresa

mos nos expandir os negócios indo cada vez mais para o varejo", disse o presidente.

Outro pilar da estratégia da MetLife será a formação de corretores. A ideia é mostrar para potenciais clientes que uma apólice de seguro de vida não é algo para ser usado só em caso de morte. "Hoje, mais da metade dos sinistros [pagamento de indenizações] não está relacionada à morte, mas a muitas outras coberturas em vida", afirmou Gomes. O executivo se refere a produtos ligados a doenças graves, incapacidade temporária, invalidez e até serviços de telemedicina em parceria com o Hospital Israelita Albert Einstein.

MERCADO A julgar pelos números do mercado de seguros no País, a MetLife não terá grandes dificuldades para alcançar a meta de crescer acima de 20% ao ano, mas terá de avançar acima da média dos concorrentes. Nos cálculos da Superintendência de Seguros Privados (Susep), a arrecadação do setor em 2023 foi de R$ 388,03 bilhões, 9% superior em relação ao ano anterior. Os segmentos de seguros de danos e pessoas, excluindo-se o VGBL, fecharam o ano passado com uma arrecadação de R$ 187,63 bilhões, alta de 9,62% em relação ao ano de 2022, quando a arrecadação foi de R$ 171,16 bilhões. Nos seguros de pessoas, o seguro de vida atingiu o montante acumulado de R$ 30,37 bilhões em 2023, valor que representa um crescimento de 12,4% em relação ao ano anterior. Entre os produtos de previdência, o PGBL apresentou, em 2023, uma arrecadação 9,9% superior a 2022, totalizando R$ 13,93 bilhões.

Para o superintendente da Susep, Alessandro Octaviani, a tendência é de resultados ainda mais expressivos nos próximos anos, com maior o acesso ao seguro. "Nosso setor continua pujante e mesmo nas adversidades segue com crescimento acima de muitos mercados. Conforme previsto no nosso Plano de Regulação, a Susep está aprofundando em 2024 o incentivo ao acesso, com a Política Nacional de Acesso ao Seguro", afirmou. "Apesar do excelente resultado, temos uma quantidade baixa de pessoas com seguros no País. Portanto, temos um mercado imenso a desenvolver, o que é uma oportunidade rara entre as grandes economias mundiais."

OS PRIMEIROS BILHÕES DA SIMPLIC

 FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO

UMA DAS PRINCIPAIS FINTECHS ESPECIALIZADAS EM CRÉDITO PESSOAL SUPERA A MARCA DE R$ 1 BILHÃO EM EMPRÉSTIMOS VOLTADOS AO PÚBLICO DE BAIXA RENDA, NEGATIVADOS E SEM ACESSO A CRÉDITO EM BANCOS TRADICIONAIS

Jaqueline MENDES

A persistência dos juros altos não tem esfriado o apetite da baixa renda em buscar crédito. Os números da Simplic, uma das maiores plataformas de crédito pessoal do País, comprovam isso. No primeiro trimestre deste ano, a fintech recebeu mais de 1 milhão de solicitações de empréstimos por mês – o melhor resultado desde sua fundação, em 2014. Foram analisadas mais de 10 mil propostas por dia. Com isso, a empresa superou a marca de 14 milhões de pessoas em sua plataforma e emprestou mais de R$ 1 bilhão. Boa parte do dinheiro tem sido utilizada para quitação de dívidas antigas e mais caras. A Simplic é subsidiária da americana Enova, empresa líder em tecnologia financeira que já concedeu mais de US$ 53 bilhões empréstimos e alcançou uma receita de US$ 2,1 bilhões no ano passado.

Segundo o diretor-executivo da Simplic, Rogério Cardozo, a companhia planeja chegar ao segundo bilhão ainda este ano. “A demanda está muito aquecida. A população das classes C, D e E é particularmente vulnerável a despesas inesperadas, as quais podem causar um impacto significativo em suas finanças pessoais”, disse o executivo. “Muitas vezes, estão negativadas ou possuem pontuações de crédito muito baixas, o que resulta em recusas automáticas por parte de bancos e outras instituições financeiras.”

“A demanda está muito aquecida. As classes C, D e E são particularmente vulneráveis a despesas inesperadas”

ROGÉRIO CARDOZO
DIRETOR-EXECUTIVO DA SIMPLIC

Para operar no Brasil, a Simplic, que foi precursora dos modelos de crédito digital no País, teve como aliada o Pinheiro Neto, um dos maiores escritórios nacionais de advocacia. Na época de sua fundação, apesar de possuir toda estrutura, capacidade e expertise, a atividade de empréstimo demandava autorização prévia do Banco Central, um desafio para uma fintech recém-chegada no mercado.

A solução encontrada foi utilizar uma instituição financeira parceira já aprovada pelo BC para realizar as operações. “Dessa forma, o risco de crédito era transferido pela Simplic, como subsidiária da Enova, que por sua vez disponibilizava os recursos e assumia os riscos”, disse Bruno Balduccini, sócio do Pinheiro Neto, que teve um papel relevante na formatação jurídica do modelo de negócio. “Uma vez que a burocracia legal estava resolvida, fomos surpreendidos com a velocidade com que os brasileiros tomaram empréstimos, alcançando a mesma cobertura nacional dos grandes bancos sem uma única agência física”, disse Balduccini. “Era o início de uma revolução no sistema bancário e colocava a Simplic como vetor de competição, o que agradou muito o BC.”

A empresa utiliza tecnologia de inteligência artificial, machine learning e big data para analisar os dados dos usuários com mais de 200 variáveis, dando respostas precisas às solicitações de crédito, em até três segundos, além de trazer uma melhoria de 40% na previsibilidade de pagamento em comparação às instituições financeiras tradicionais. Com um mercado de empréstimos ao consumidor estimado em R$ 43 bilhões no Brasil, a Simplic está, segundo Cardozo, bem posicionada para continuar sua trajetória de crescimento e inovação, oferecendo soluções financeiras que atendam às necessidades dos brasileiros de forma rápida e confiável. A plataforma oferece empréstimos entre R$ 500 e R$ 3,5 mil, que podem ser pagos em três, seis, nove ou doze vezes, tudo de forma digital.

7,9%
FOI A ALTA NA OFERTA DE CRÉDITO TOTAL NO BRASIL NO ANO PASSADO

CRÉDITO A Simplic tem surfado no embalo do mercado. O volume de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) alcançou R$ 5,8 trilhões no ano passado, aumento de 7,9% sobre 2022, segundo dados do Banco Central (BC). Em 2023, o crédito livre alcançou R$ 3,4 trilhões, expansão de 5,2% no ano e desaceleração em relação a 2022 quando variou 14,9%. O crédito direcionado atingiu R$ 2,4 trilhões ao final do ano, com incremento de 11,8% no ano. Já o crédito livre às famílias atingiu R$ 1,9 trilhão, crescimento de 7,9% no ano – entre as modalidades crédito pessoal não consignado, crédito consignado de servidores públicos e de beneficiários do INSS, aquisição de veículos, cartão parcelado e cartão à vista, bem como a redução no cartão rotativo.

CRÉDITO TRIBUTÁRIO É DINHEIRO NA MÃO

Especializada em recuperação de créditos tributários, a Assertif Pay se torna alternativa para geração de caixa das empresas em tempos de juros nas alturas

Hugo CILO

Neste exato momento, milhares de empresas aguardam a devolução de mais de R$ 242 bilhões em créditos fiscais e tributários no País, dinheirama que poderia movimentar a economia, aliviar o caixa das companhias e desafogar a demanda por crédito. É de olho nessa realidade que o empresário José Guilherme Sabino, fundador da Assertif Pay, quer surfar. Ele criou a primeira empresa especializada em antecipação de créditos tributários do País. Em funcionamento de forma piloto há um ano, com cerca de R$ 10 milhões antecipados, a empresa passou a operar oficialmente neste mês.

Embora já atue no setor há mais de duas décadas, o plano de Sabino agora é atuar como instituição de crédito. "Assertif Tributos já fazia toda a mineração dos dados tributários desde o levantamento técnico de forma aprofundada da situação tributária do cliente, identificando créditos fiscais e previdenciários disponíveis, até a operacionalização da recuperação de créditos", afirmou o empresário, que diz ter recuperado mais de R$ 3 bilhões nos últimos 23 anos. "Agora demos um passo à frente e criamos a Assertif Pay, que vai antecipar o valor desses créditos para as empresas de forma rápida e segura."

A expectativa de Sabino é que o novo serviço desperte grande interesse em empresas de todos os portes. Isso porque o serviço cria um ciclo virtuoso positivo em vários aspectos. "Além de melhorar o caixa das empresas, a antecipação de créditos tributários impulsiona a economia do País, trazendo conformidade e ganhos para todos os agentes da cadeia."

Independentemente do segmento ou do porte, é bastante comum que empresas tenham crédito tributário para recuperar, seja por pagamento a mais de tributos ou por vitórias em ações de recuperação de crédito na Justiça. "Muitas vezes, esses valores são desconhecidos. Nossa missão é fazer essa mineração de dados tributários e trazer os créditos de volta para o cliente, agora, com a possibilidade de antecipação", acrescentou Sabino.

O potencial de crescimento é imenso. As compensações tributárias dispararam nos últimos cinco anos, registrando um aumento de 142% no período, segundo dados da Receita Federal. Mais de um terço do volume de 2023 são créditos de decisões judiciais.

Sabino destaca que só a compensação referente à "tese do século", da exclusão do ICMS da base de cálculo do PIS e da

142% FOI O AUMENTO DAS COMPENSAÇÕES TRIBUTÁRIAS NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

R$ 3bi JÁ FORAM RECUPERADOS EM DEDUÇÕES FISCAIS PELA ASSERTIF EM SUA HISTÓRIA

R$ 252 bilhões É O TOTAL EM CRÉDITOS FISCAIS A SEREM DEVOLVIDOS A EMPRESAS NO PAÍS

FOTOS: CLAUDIO GATTI

Cofins, custou mais de R$ 60 bilhões à União no ano passado. Essa foi uma das principais causas, segundo o governo federal, para o déficit de R$ 230 bilhões registrado em 2023. Os dados do Fisco ainda indicam que, no ano passado, o número total das compensações foi 11% superior a 2022, quando a perda de receita por arrecadação atingiu R$ 215 bilhões.

O presidente do Grupo Assertif explica que as compensações cresceram expressivamente a partir de 2019, por conta da tese do século e atingiram o pico em 2021, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou os embargos de declaração no caso e estabeleceu que o ICMS deveria vir destacado na nota fiscal.

> “MUITAS VEZES, O EMPRESÁRIO DESCONHECE A EXISTÊNCIA DESSES VALORES QUE SUA EMPRESA TEM DIREITO DE RECEBER”
>
> **JOSÉ GUILHERME SABINO**
> FUNDADOR DA ASSERTIF PAY

DIVERSIFICAÇÃO O Grupo Assertif já criou novas verticais como Smart Discover (ferramenta de monitoramento da saúde tributária das empresas, em tempo real), Seguros e Benefícios, Saúde & Bem-estar, BPO (terceirização de processos operacionais fiscais, financeiros, folha de pagamento e contábeis) e a inédita Assertif Pay, que deve provocar grande movimentação no mercado com a antecipação de créditos tributários.

O Grupo Assertif atua em todo o País, mas se destaca nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Distrito Federal. “Crescemos por conta da qualidade do atendimento personalizado que dispensamos a nossos clientes, e pela assertividade na entrega, conceito que inspirou o nome da empresa”, afirma Sabino

“É IMPORTANTE CONSEGUIRMOS TER UM CUSTO DE OPERAÇÃO BAIXO PARA VENDER ITENS QUE TRANSMITEM VALOR PERCEBIDO PARA O SÓCIO”

JOSÉ RAFAEL VASQUEZ
CEO DO SAM'S CLUB BRASIL

Sam's Club volta às origens

Há dois anos sob comando do Grupo Carrefour, **clube de compras aumenta em 80%** sua receita, alcança 3 milhões de sócios e planeja dobrar de tamanho em cinco anos

Beto SILVA

José Rafael Vasquez começou a carreira no mundo corporativo como trainee no Carrefour. Evoluiu, galgou posições. Foi gerente de setor em lojas. Circulou pelo varejo em outras companhias como o Grupo Pão de Açúcar. Atuou por 19 anos no Walmart — chegando a vice-presidente da divisão de atacado, quando a rede americana comandava a operação do Sam's Club. Saiu em 2014 para dar mais um giro pelo mercado. Passou por Supermercados Bretas, Roldão e Farmácias Pague Menos. No início de 2024, dez anos depois, ele reencontra o Sam's Club para assumir o cargo de CEO da varejista no Brasil. E reencontra o Carrefour, grupo que adquiriu o clube de compras em junho de 2022. "O mundo dá voltas", disse Vasquez sobre "o retorno para casa". Destino! Que o colocou na empresa no momento em que ela também volta às origens após um período de desencontros com seu DNA. É o destino! "O segredo é se manter fiel à proposta de valor", afirmou o executivo à DINHEIRO.

FOTO: CLAUDIO GATTI

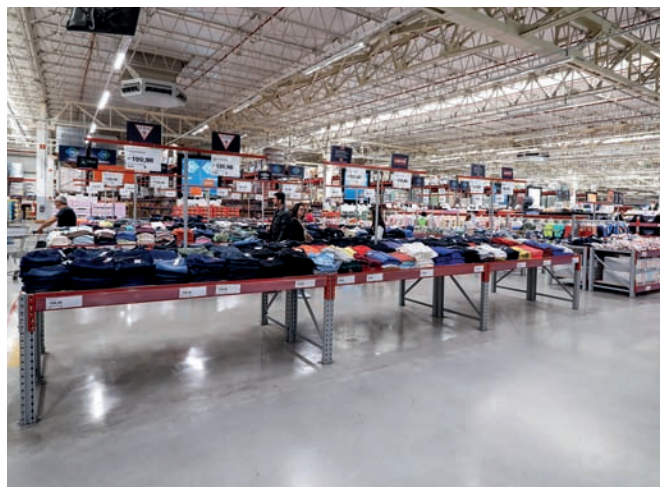
Quando ele fala em segredo, refere-se ao caminho percorrido para que o Sam's obtivesse bons resultados a partir de junho de 2022, quando o Carrefour finalizou a negociação que girou em torno de R$ 7 bilhões à época. De lá para cá, não teve segredo. Foi trabalho para retomar as características do único clube de compras do Brasil. Os resultados apareceram nesses dois anos nas mãos do Carrefour. O Sam's aumentou sua receita em 79,4% em 2023 em comparação com 2022. Saiu de um patamar de vendas de R$ 3,5 bilhões para R$ 6,3 bilhões. Os R$ 10 bilhões de faturamento devem ser alcançado em 2025. A participação no volume total do Grupo Carrefour, que teve receita de R$ 115,5 bilhões ano passado, passou de 3,24% em 2022 para 4,45% em 2023. E tem aumentado. Os resultados do primeiro semestre de 2024 mostram que a operação do Sam's dentro do Carrefour já é de 5,75%.

O crescimento exponencial do pupilo é bem maior do que o do mestre... ou da matriz, melhor dizendo. Enquanto o Sam's avançou em quase 80% suas vendas ano passado, o Carrefour aumentou 6,9%. A performance do clube é 11 vezes maior. Quando comparada ao setor supermercadista, a discrepância é ainda mais evidente: 26 vezes maior. O segmento cresceu apenas 3,09% em 2023 na comparação com o ano anterior, segundo levantamento da Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

O número de sócios — que pagam R$ 75 de anuidade para comprar na varejista — era de 682 mil em dezembro de 2022. Passou para 851 mil em dezembro do ano passado e bateu em maio a marca de 3 milhões, após ações de marketing, principalmente on-line. O crescimento no número de associados que chegaram via digital foi de 622%. Atualmente, são 1,5 mil sócios novos por dia.

Um desempenho que tem levado o alto comando do Grupo Carrefour a observar o Sam's como uma joia. Não à toa uma forte expansão está no pipeline do clube de compras. No ano passado foram inauguradas oito unidades. Estão previstas para este ano entre sete e nove inaugurações. Duas já estão de portas abertas, no bairro do Jabaquara, em São Paulo, e na Pampulha, em Belo Horizonte. Já são 53 unidades, em 16 estados e no Distrito Federal. O plano é dobrar de tamanho em cinco anos e chegar a 100 lojas antes de 2030. Para isso, um investi-

DIFERENCIAL
No modelo de negócio do clube de compras, o setor de eletrodomésticos tem produtos de maior valor agregado e na área de vestuário tem itens de famosas marcas de roupas

 | FOTOS: ANDRECONTI/LINK | DIVULGAÇÃO

Na reformulação do Grupo Carrefour, destaque para as 'lojas combo', em que no mesmo terreno são montadas duas bandeiras. São 12 em atividade até agora

mento na casa de R$ 1,7 bilhão em novas lojas desde 2022, levando-se em conta a média R$ 30 milhões em cada operação, segundo analistas de mercado.

Para Marcela Zanetti, coordenadora da área de contratos, direito societário e M&A do escritório Benício Advogados, o Grupo Carrefour fez bem ao clube de compras, que apresenta crescimento após esse movimento. "Tem investido bastante no crescimento do Sam's", disse. "Quando o novo controlador já tem uma experiência sedimentada no mercado em questão, as chances de o novo empreendimento prosperar são maiores", completou.

REFORMULAÇÃO O Sam's é fruto da reformulação pela qual passa o Grupo Carrefour desde o ano passado, no que chama de "iniciativas de otimização de ativos". Traduzindo: fechamento de lojas deficitárias, ampliação de unidades lucrativas e mudanças de alguns modelos e, com isso, ser mais rentável. Nesse processo, a estratégia é reverter cerca de 40 hipermercados em lojas Atacadão ou Sam's Club entre 2024 e 2026 — sendo 20 conversões para este ano. Inclusive com as chamadas 'lojas combo', em que no mesmo terreno são montadas duas bandeiras do grupo. Já são 12 nesse modelo: sete com Sam's e Atacadão e cinco com Sam's e Carrefour. Já foram vendidas ou fechadas 123 lojas não rentáveis: 16 hipermercados, 94 lojas Todo Dia e 13 lojas Nacional e Bom Preço. Outras 19 deverão ter suas atividades descontinuadas até o fim de junho, colocando fim à bandeira Todo Dia no portfólio do grupo. Com o encerramento da operação dessas lojas, a expectativa é de adicionar R$ 200 milhões de Ebitda (lucro antes de juros e impostos) recorrentes por ano.

A missão de José Rafael Vasquez nesse contexto é fazer com que os negócios do Sam's continuem se desenvolvendo a passos largos. Claro, com ações que fizeram o clube dar muito certo nos Estados Unidos nos seus 41 anos de atuação por lá — e 30 deles no Brasil. Por aqui, a varejista perdeu um pouco de suas raízes alguns anos atrás, ao tentar ficar mais parecida com os mercados tradicionais, que colocam pilhas de arroz, óleo, feijão e outros itens básicos na entrada e nos corredores. Não é esse o jogo do Sam's.

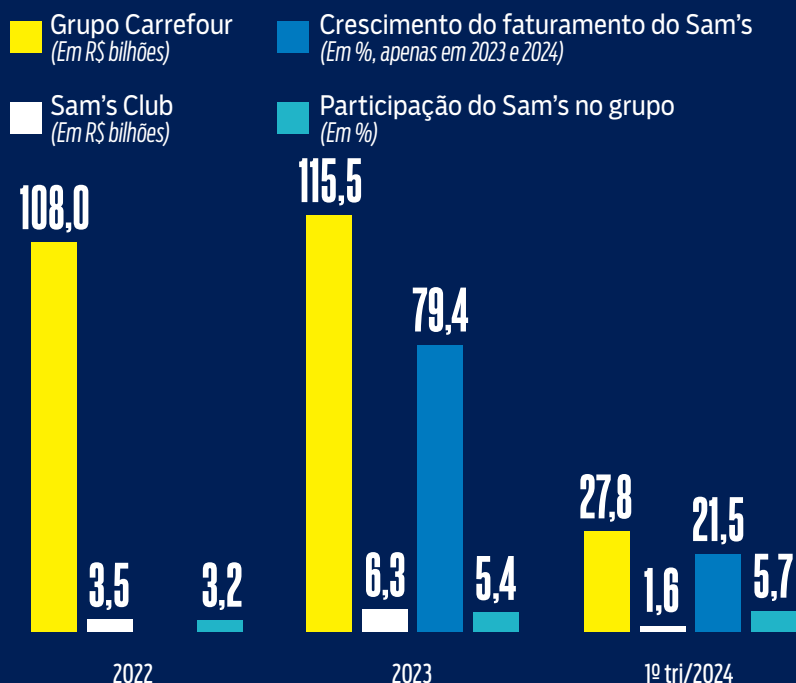
Logo depois de ser convidado para assumir como CEO, Vasquez participou de uma reunião com a cúpula do grupo Carrefour. Na pauta, a garantia de que o gene do Sam's seria mantido. E quais seriam essas características tão importantes que fazem do clube um case de sucesso? Vamos a elas.

É um modelo de negócio voltado para uma operação de baixo custo, mas eficiente. De longe, parece um atacarejo, com piso simples de concreto bem arrematado, estruturas metálicas à vista, pallets à mostra. As caixas dos produtos são usadas como expositores, para gerar pouca manipulação de mercadoria. Um formato que eles chamam de *ready display*, com itens prontos para exibição nas gôndolas diretamente nas caixas. Assim, os produtos, muitos deles importados, chegam empilhados na central de distribuição, são enviados às lojas e colocados à disposição nas gôndolas. Só então as embalagens são abertas. Um processo mais fácil, que requer menos força de trabalho. "É importante conseguirmos ter um custo de operação baixo para vender itens que transmitem muito valor percebido para o sócio", diz.

Se de longe parece um atacarejo, de perto é bem diferente. As lojas com 5 mil metros quadrados possuem 5,5 mil SKUs (*stock keeping unit*, ou unidade de manutenção de estoque). Cada produto é um SKU. Em supermercados normais, seriam 30 mil. No Sam's, vale a teoria do 'menos é mais'. O sortimento é menor, mas a curadoria é exigente para que um produto mais premium esteja nas prateleiras. E aqui entra outra diferença para o atacarejo: o consumidor. Os largos corredores não têm congestionamento de carrinhos. Os clientes escolhem os produtos com mais calma e conforto. "A gente vai atrás de itens que façam muito sentido ao perfil do sócio que a gente atende. É gerar valor agregado sempre", frisou o Vasquez, que nas horas vagas atua como sommelier e ajuda na seleção de vinhos diferenciada disposta na adega do Sam's.

Em suas visitas às unidades para observar o andamento da operação, ele se atenta às garrafas de rótulos exclusivos, pega nas mãos, faz comentários aos gerentes. Mas não sobre as notas frutadas dos tintos uruguaios ou do aroma cítrico dos brancos franceses. Sua preocupação é com a exclusividade das marcas. Assim como ocorre em outros setores do clube, que oferece, por exemplo, as Tâmaras Khalas, importadas de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Ou os bombons de chocolate Praliné Selection Elit, da Turquia. Produtos encontrados só no Sam's entre as grandes redes varejistas. "Do total das nossas vendas, 25% são de itens importados. Boa parte deles comercializados com exclusividade por nós", ressaltou Vasquez.

Exclusividade que também está presente no setor de vestuário do clube. Parceria com marcas como Levi's, Fila, Guess, Calvin Klein, Náutica, Carter's e Umbro são outro diferencial. Nenhum outro mercado expõe tantos produtos premium dessas empresas. "É como se déssemos um pulinho do Sam's de Miami [EUA]. Tudo que tem lá, tem aqui também", exemplifica o executivo. Na parte alimentícia, a Friboi fornece para o Sam's um produto específico, o Kit Semana, uma embalagem família com diversos tipos de proteína animal, em formato que atende às câmaras de resfriamento do clube ao gosto dos fregueses. Outras grandes companhias como P&G, Unilever, Pepsico, Mondelez e Nestlé disponibilizam ao Sam's produtos com tamanhos diferentes — geralmente maiores, mais pesados ou com mais mililitros

 FOTO: DIVULGAÇÃO

— e em quantidades maiores. No segmento de eletroeletrônicos, outra distinção é a venda de televisores acima de 65 polegadas com mais incidência do que o próprio Carrefour. “Nosso público tem bastante aderência com esse formato”, apontou o CEO. Análise corroborada por Gustavo Carrer, head de Desenvolvimento de Negócios da Inwave, desenvolvedora de tecnologia para redução de perdas e aumento da eficiência operacional. “O formato de clube tem a capacidade de atrair consumidores de renda mais alta, bem como de empresas que buscam produtos ou embalagens diferenciadas e preços compatíveis.”

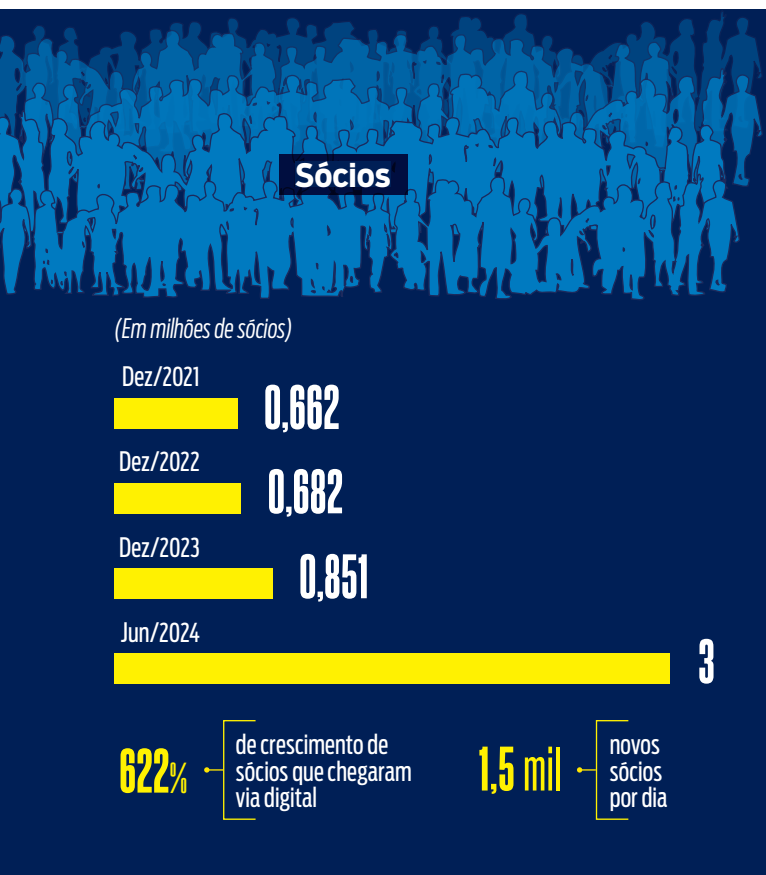
Com tudo isso — itens importados, exclusivos e de maior valor agregado —, o tíquete médio do Sam’s é o dobro do hipermercado Carrefour. O número exato? Esse Vasquez mantém em segredo. “Mas são algumas centenas de reais”, despistou.

Em meio a tantos diferenciais, o clube de compras também tem sua marca própria, a Member’s Mark. Os produtos estão em praticamente todas as categorias. Muitos itens produzidos por marcas famosas para o Sam’s no sistema white label (em que a fabricação é terceirizada e o rótulo do produto é da varejista). Tem desde vinhos a chocolates. Destaque para sabão líquido para lavar roupas, que conquistou a liderança de vendas dentro do clube ao bater marcas famosas como OMO e Ariel. “É a relação custo-benefício”, explicou Vasquez. Os produtos Member’s Mark são responsáveis por 19% do total de vendas da varejista.

Quando o novo controlador já tem experiência sedimentada no mercado, as chances de o novo empreendimento prosperar são maiores”

MARCELA ZANETTI
ESPECIALISTA EM CONTRATOS E M&A

CANAIS DE VENDA A venda física é o principal canal de receita do Sam’s Club. Mas há outros importantes, como o televendas, que geram entre 12% e 13% do faturamento. Em tempos de tecnologia avançada, o bom e velho telefone faz a diferença. A maioria dos que utilizam esse contato são revendedores que compram em grande quantidade. “Fazer atacado também não é pecado”, brincou o CEO ao ser indagado pela importância do televendas. No e-commerce próprio, a representatividade é de 6%. Ingressar nos marketplaces é viável? Difícil pelo modelo de negócio baseado em sócios que compram com vantagens exclusivas na rede varejista. Mas está sendo estudado um formato para ingressar no iFood e no Rappi, referências em entrega sob demanda. “Estamos trabalhando para encontrar um caminho. A capilaridade deles é muito boa e isso nos interessa”, revelou Vasquez.

As novidades estão sempre no radar do Sam’s. A máxima interna do clube é ‘What’s next?’. O próximo — seja produto ou desafio — está por vir. E não é segredo que vai colaborar para a performance da varejista do Grupo Carrefour. É destino.

FRANQUIAS PARA O MUNDO

Com sellout de R$ 8 bilhões, a 300 Ecossistema de Alto Impacto planeja entrada de marcas na Colômbia e Argentina, observa Europa e Ásia e traz rede de frango do Panamá para o Brasil

Beto SILVA

São muitas transformações em pouco tempo, até chegar no que hoje é chamado de 300 Ecossistema de Alto Impacto. O nome é diferente. E o que a empresa faz também. Tudo começou em 2007, com a venda de produtos de limpeza em uma Kombi. Assim surgiu a Ecoville em 2011. A partir de 2016 começou a ser formatada e vendida como franquia. Hoje é a maior rede de franchising de produtos de limpeza do Brasil, com 300 unidades. Deu tão certo que os irmãos Leandro e Leonardo Castelo, donos da Ecoville, avançaram em um modelo de negócio para franquear outras empresas. Virou uma holding, que atualmente tem cerca de 90 marcas, com 10,5 mil lojas — algumas contratadas, mas ainda em fase de implementação. Um grupo que vende em média uma unidade por hora e no ano passado registrou sellout de R$ 8 bilhões. Agora, mais um passo importante dessa trajetória está sendo dado: a internacionalização. Isso inclui tanto entrar em países com suas propriedades como também trazer marcas de fora para o Brasil. "Nasce-

 | FOTOS: DIVULGAÇÃO

mos como acelerador de negócios, e utilizamos o canal do franchising para crescer marcas, consolidar mercados e criar valor", disse Leonardo Castelo, CEO da 300 Ecossistema de Alto Impacto, ao detalhar a estratégia com exclusividade à DINHEIRO.

Depois de estudar e visitar mercados da Ásia, Europa e América Latina, o plano traçado foi iniciar pelos países mais próximos do Brasil e que carecem de avanços em franchising. O primeiro país a ser explorado é a Colômbia, onde a empresa entrará com a 300 Consultoria, uma das cinco vertentes da holding que prepara as marcas para o mercado de franquias. Outras linhas são Scale Up (responsável pelas marcas que têm potencial, mas não atingiram todos os requisitos para ingressar no ecossistema), 300 Educação (de capacitação dos empreendedores), 300 Aceleradora (identifica oportunidades e comanda a expansão das franquias) e a 300 Gestão (que atua como organizadora de todas as vertentes).

Inicialmente, atuará em Medellín e Bogotá a partir de parceria com a Master Franquia da Colômbia. A expectativa é superar 50 franqueados da 300 Consultoria nos próximos cinco anos. O otimismo de Castelo é amparado nos números. Segundo o executivo, o Brasil possui uma operação franqueada a cada 99 empresas, enquanto na Colômbia existe uma franquia a cada 210 empresas. "O crescimento do mercado colombiano pode representar uma oportunidade devido à expansão e à crescente demanda por serviços de consultoria empresarial, especialmente na área de franquias", disse o CEO. "O sistema de franquias da Colômbia está alguns anos atrás do Brasil e carece de muito know-how especializado. Temos um oceano azul para explorar", acrescentou.

Outro foco está na Argentina. A 300 Ecossistema vai desembarcar por lá com duas marcas: Maria Lavadeira, uma lavanderia de autosserviço, e Mestre de Obra, de locação e manutenção de máquinas e equipamentos para construção civil. "Começamos a

EVOLUÇÃO
CEO da 300 Ecossistema de Alto Impacto, Leonardo Castelo começou vendendo produtos de limpeza em uma Kombi. Hoje sua holding tem vendas bilionárias

LAVOU, CRESCEU!
Lavô, lavanderia de autosserviço, tinha três unidades quando a 300 Ecossistema entrou no negócio. Hoje são 1,7 mil lojas, entre instaladas e contratadas e virou um case de sucesso do conglomerado de franquias

PORTFÓLIO DIVERSIFICADO
Homenz, especializada em estética masculina, tem como sócios o cantor Lucas Lucco e a holding de franchising, que começou com a Ecoville, de produtos de limpeza

testar marketing digital, já temos toda a parte jurídica estabelecida. Vamos pilotar uma unidade e depois vamos em escala", disse Leonardo Castelo, ao enfatizar que não vai montar escritórios no exterior, depois de ganhar vasta experiência com o distanciamento imposto pela pandemia desde 2020. "Com todo o nosso know-how e com toda a tecnologia que nós temos, preferimos tocar os projetos de casa, porque acreditamos que os desafios vão ser menores", afirmou, ao frisar que os mercados asiático e europeu também estão no radar para um futuro próximo. Estados Unidos não. "Já está consolidado. Nossa estratégia é atacar países emergentes."

Se a 300 Ecossistema está expandindo os tentáculos para outros países, também tem trazido marcas de fora para o Brasil. É o caso Buco Pollo, uma companhia panamenha que tem conceito diferente do tradicional frango frito de outras redes instaladas no País. Ela atua com frango assado e na parrilla. Desembarca com a primeira unidade na cidade de Itapema, em Santa Catarina, através de uma joint venture da 300 Ecossistema com sócios do Panamá. O processo de negociação começou oito meses atrás, o projeto foi formatado e os fornecedores locais foram preparados. Em breve será inaugurada e vai funcionar como piloto pelo período de seis a oito meses, para entendimento da performance e posterior expansão.

90
MARCAS ESTÃO SOB O GUARDA-CHUVA DA 300. ALGUMAS JÁ COMEÇAM A IR AO EXTERIOR

10,5
MIL FRANQUIAS VENDIDAS PELA HOLDING QUE INICIA SUA JORNADA INTERNACIONAL

CASES Em todos esses movimentos, a 300 Ecossistema coloca sua expertise adquirida a partir dos diversos cases de sucesso na área de franquias. Um deles é da Lavô, lavanderia de autosserviço. Eram três unidades quando a holding entrou no negócio. Hoje são 1,7 mil lojas, entre instaladas e contratadas. Aproveitou o bom momento do setor depois de a OMO, tradicional marca de sabão em pó, entrar no ramo e popularizar o serviço, e escalou o negócio de forma rápida, ao contrário da concorrente famosa, ligada à gigante Unilever. Outro fator importante que tem atraído a atenção dos empreendedores e investidores é a rentabilidade na casa dos 60%. "É um negócio simples, que não tem custo alto e não precisa de funcionários. O franqueado precisa de apenas 15 minutos em cada unidade para dar uma geral, limpar o filtro da máquina e ver se vai precisar recarregar produtos", discorreu Castelo.

Outra rede que tem ido bem é a Homenz, especializada em estética masculina, que tem como sócios a 300 Ecossistema e o ator e cantor Lucas Lucco. "Temos aproximadamente 150 contratos vendidos e implantamos de 10 a 12 unidades por mês", afirmou o CEO da holding, ao apontar que outros artistas também tem sido atraídos pelo modelo de franquias. Sem citar nomes, Castelo apontou que uma famosa dupla sertaneja vai lançar uma marca de alimentos nos próximos meses e um dos maiores influencers do YouTube do mundo planeja criar uma rede de salão de cabeleireiro infantil inspirada em formato americano.

INVESTIR NO CAPITAL LIDERANÇA, FATOR DE SOBREVIVÊNCIA

CÉSAR SOUZA
FUNDADOR E PRESIDENTE DO GRUPO EMPREENDA

A Liderança tal qual conhecemos hoje está com os dias contados. A maioria das empresas se defronta com nítida escassez do tipo de líderes que o momento exige. Não possuem, nos seus diversos níveis, dirigentes e gestores na quantidade nem na qualidade necessária para executar suas estratégias com sucesso nos próximos anos.

Essa percepção se comprova nos resultados apontados em algumas enquetes realizadas em momentos distintos. Em nenhuma delas mais do que 30% dos acionistas de várias empresas revelaram ter o contingente adequado de líderes para os desafios com os quais se defrontam. Ou seja, pelo menos 70% deles têm consciência de que estão com a bomba relógio nas mãos.

Salta aos olhos que o líder necessário para esse momento complexo, volátil, incerto, veloz e exponencial é muito diferente do perfil do líder do mundo previsível e incremental do passado, quando o competente era aquele ou aquela que tinha todas as respostas. Cada vez mais o líder eficaz será quem sabe fazer as perguntas certas e mobiliza suas equipes em busca das respostas relevantes para a vida da organização.

> **“Investir no Capital Liderança como diferencial competitivo e ao mesmo tempo cuidar dos que tendem à irrelevância será um desafio para acionistas e líderes que pretendem construir empresas mais sustentáveis”**

Um fator agravante dessa situação é evidenciado pelas disrupções tecnológicas recentes, dentre elas a angustiante perspectiva da Inteligência Artificial. Poucos percebem que esse componente digital é muito mais que uma ferramenta ou um conjunto de aplicativos. Trata-se de um novo modelo mental, um *mind set* muito diferente do que estamos acostumados. Mas, felizmente, há também a crescente percepção de que quanto mais sofisticada a tecnologia, maior é a necessidade do contato humano.

Também vale salientar que é mais difícil exercer a liderança na vida familiar do que na vida corporativa. E fica cada vez mais evidente que o exercício da liderança em empresas familiares é muito mais complexo que em outro tipo de empresas. Sabemos que no ecossistema do negócio familiar a escassez de líderes é ainda mais aguda.

Os líderes precisam adicionar ao seu conjunto de competências e habilidades um grau de conhecimento muito mais profundo do negócio e dos objetivos da empresa onde trabalham, para atuar com maior protagonismo na estratégia. Está definitivamente encerrado o período onde era possível se contentar apenas com o domínio de ferramentas e dos aspectos operacionais da gestão.

Por todos esses motivos, os acionistas precisam investir, de forma muito mais profunda, no “Capital Liderança” das suas empresas. Devido à escassez dos líderes e gestores competentes e comprometidos é imperativo ter foco na formação de uma nova safra de líderes, garantindo a sucessão em todos os níveis e não apenas no topo.

Por outro lado, de forma paradoxal, ao pensar no futuro não tão distante para as lideranças, me vem à mente a preocupação que mais tem tirado o meu sono: como propor caminhos para o grande número de “refugiados” das profissões tradicionais que vão se tornar profissionais irrelevantes nos próximos cinco anos?

Ser percebido como relevante será item crucial no kit de sobrevivência profissional, nesse futuro que já está batendo à nossa porta!

Investir no Capital Liderança como diferencial competitivo e ao mesmo tempo cuidar dos que tendem à irrelevância será um grande desafio para acionistas, investidores e líderes inspiradores que pretendem construir empresas mais sustentáveis e contribuir para uma sociedade mais saudável.

LEGADO FAMILIAR Pedro Godoy Bueno é filho do fundador da Amil e atualmente é vice-presidente do conselho da Dasa

ÍMPAR DESPONTA COMO NOVA POTÊNCIA HOSPITALAR

Joint venture formada por operações hospitalares e oncológicas de Dasa e Amil tem objetivo de alavancar o crescimento de receita e de rentabilidade no setor hospitalar

Allan RAVAGNANI

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

Na última semana, a Dasa e a Amil anunciaram a criação de uma nova empresa conjunta, a Ímpar, para integrar suas operações de hospitais e oncologia. Ao contrário de uma fusão, as duas companhias continuarão a operar separadamente, mas unirão seus ativos hospitalares sob a nova empresa, formando um dos maiores conglomerados hospitalares do País. A nova entidade contará com 25 hospitais e 4,4 mil leitos, concentrados principalmente no Sudeste e no Distrito Federal, com uma receita líquida de R$ 9,9 bilhões e um Ebitda de R$ 777 milhões em 2023.

A Ímpar vai incorporar 11 hospitais da Rede Américas, controlada pela Amil, incluindo o renomado Hospital Samaritano, e 14 hospitais da Dasa, entre eles o Nove de Julho. No entanto, alguns hospitais permanecerão fora da operação: a Amil manterá o Promater, Monte Klinikum e Maternidade Santa Lúcia, enquanto a Dasa segregará o São Domingos, Bahia e AMO.

A Ímpar deve se beneficiar de uma maior força operacional e do potencial de crescimento de receita. Lício Cintra, atual presidente da Dasa, será o presidente da Ímpar, enquanto Dulce Pugliese de Godoy Bueno, cofundadora da Amil, assumirá a presidência do conselho de administração. Pedro Godoy Bueno, filho do fundador da Amil, Edson Bueno, atualmente vice-presidente do conselho de administração da Dasa, poderá retornar ao posto de CEO, ou de presidente do conselho da companhia.

Na data do anúncio da transação, a Ímpar teria uma dívida líquida de R$ 3,5 bilhões, que inclui débitos financeiros, saldo de operações com derivativos, contas a pagar de aquisições e impostos parcelados. A estrutura de capital após a união permitirá que a Dasa reduza sua alavancagem de 4,2 para 3,6 vezes a relação Dívida Líquida/Ebitda. Esse movimento é visto como positivo por analistas, uma vez que reduz a pressão sobre a empresa, permitindo foco maior no desempenho operacional.

João Nevez e Pedro Pimenta, analistas da EQI Research, apontaram que a transação é benéfica para os detentores da dívida da Dasa, pois reduz consideravelmente a alavancagem da companhia. Eles destacaram que, sem a pressão da dívida, a empresa pode melhorar suas operações de forma mais rápida, com maior poder de barganha junto a credores, fornecedores e clientes.

Giselle Tapai, sócia do Tapai Advogados e especialista em Direito da Saúde, comentou que a fusão pode trazer benefícios e desafios para os consumidores. "A ampliação da gama de hospitais e leitos é uma boa notícia para o consumidor, mas há sempre o risco de descredenciamentos e mudanças nos produtos oferecidos, o que pode limitar a liberdade de escolha do paciente," afirmou.

Mateus Leite, sócio da área societária do escritório Candido Martins Advogados, destacou a tendência de verticalização no setor de saúde. "Essa operação reforça a aposta do mercado na verticalização entre operadoras e prestadores de serviços médicos. A dúvida é como reagirão os players independentes, que passarão a concorrer com mais uma rede verticalizada em um momento de pressão no setor da saúde," ponderou Leite.

Hayson Silva, analista da Nova Futura Investimentos, vê a criação da Ímpar como um marco. Ele destacou a infraestrutura da nova empresa e a governança focada em experiência e inovação. Silva apontou que a joint venture tem potencial de rentabilidade alto e realizar uma integração eficaz.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS A joint venture ainda aguarda aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e está sujeita a condições usuais para os negócios dessa natureza, incluindo a conclusão do processo de diligências. Fernanda Ferrari, sócia do PLKC Advogados, destacou a estrutura equilibrada da nova empresa, com uma governança que permite igualdade de direitos entre os dois comandos. Ela enfatizou que a JV visa combinar recursos e capacidades para melhorar a qualidade dos serviços e expandir a infraestrutura hospitalar.

Rafael Rebola, sócio do RVF Advogados, apontou que a associação pode provocar mudanças no panorama hospitalar e no atendimento médico no Brasil, mencionando a possibilidade de sinergia entre as empresas, o impacto no mercado de saúde e o potencial para futuras expansões. "A Ímpar pode ser apenas o começo de uma expansão maior", completou.

3,6x

SERÁ A RELAÇÃO DÍVIDA/EBITDA DA DASA APÓS A CRIAÇÃO DA ÍMPAR, CAINDO DE 4,2 VEZES

9,9BI

DE REAIS É O FATURAMENTO DA NOVA EMPRESA DE HOSPITAIS E CLÍNICAS DE ONCOLOGIA

DANÇA DAS CADEIRAS
Lício Cintra, atual CEO da Dasa, será o novo CEO da Ímpar, joint venture recém-anunciada entre Amil e Dasa

GWM ACELERA COM HÍBRIDOS NO BRASIL

Fábrica da montadora chinesa em Iracemápolis (SP) vai iniciar a produção do Haval H6, SUV Híbrido da marca, no segundo semestre de 2024

Allan RAVAGNANI

Há duas horas de São Paulo pela rodovia dos Bandeirantes, na região entre Limeira e Piracicaba, a cidade de Iracemápolis, com seus 21 mil habitantes, se prepara para ser um novo polo tecnológico brasileiro. No segundo semestre de 2024 a fabricante de picapes híbridas chinesa Great Wall Motors (GWM) vai iniciar as operações na fábrica da cidade, que já pertenceu à Mercedez-Benz, deixando tudo pronto para que no primeiro semestre de 2025, inicie a produção de seu primeiro modelo no País, o SUV híbrido Haval H6 . O diretor de relações institucionais, Ricardo Bastos, afirmou à DINHEIRO que a GWM tem uma visão de longo prazo com o Brasil. A escolha da cidade no interior paulista se deu pela estrutura, já preparada, infraestrutura de acesso, com facilidades de fornecimento de mercadorias e autopeças, além das possibilidades de parcerias com outras empresas da região. "Também analisamos questões como regras claras e estabilidade jurídica. Um fator muito importante quando se está chegando a uma região é perceber que as determinações estão expostas" Para ele, apesar de muitos incentivos fiscais em algumas cidades, no fim das contas, o mais importante é trabalhar com previsibilidade.

A escolha para a produção do SUV Haval H6 foi feita no início deste ano, em uma mudança de planos da empresa, que pretendia fabricar uma picape híbrida no País. No entanto, o volume de vendas e a aceitação do SUV, atualmente importado, pesou na hora da decisão da empresa. Para o futuro, a GWM pretende trazer a produção do Haval H4, que também é um SUV híbrido, mas de menor porte. Na questão fiscal, a GWM também está de olho no aumento do imposto para importação de carros híbridos e elétricos. "O que nós também estamos aguardando, e que deve sair nos próximos dias, é a sanção da lei do programa Mover", afirmou. Segundo o executivo, a duração de incentivo que o programa possui, de cinco anos, acompanha os planos da empresa. "É por isso que o nosso investimento está dentro do Mover. A GWM já pediu habilitação ao programa e será qualificada junto com a publicação da lei. A partir desse momento, a gente pode dar início às operações de instalação. Ou seja, o nosso calendário está ligado ao calendário da política pública do Mover", afirmou Bastos.

Com 40 anos de história, a GWM é a maior empresa do setor automotivo chinês de capital fechado — além de ser a quarta maior fabricante do mundo de picapes médias, segmento que lidera há 24 anos na China, com mais de 50% de participação

Estamos aguardando a sanção da lei do programa Mover para iniciar a operação. O nosso calendário está ligado ao calendário da política pública do governo"

RICARDO BASTOS
DIRETOR DA GWM NO BRASIL

 | FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

de mercado. Recentemente, a montadora lançou no Brasil o híbrido plug-in Haval H6 PHEV 2025, automóvel que ficou disponível nas concessionárias agora em junho, chegando ao mercado por R$ 239 mil.

A aposta da montadora no Brasil é alta. Bastos afirmou que com relação às expectativas, a empresa acredita que o mercado vai continuar crescendo em um ritmo em torno de 50% a 60% a cada ano. "Em 2024, talvez até pelas questões de aumentos tributários e normativas, o crescimento deve ser um pouco maior", disse. No entanto, a empresa olha para a estabilidade no longo prazo. O cenário-base trabalhado pela GWM é que em 2030, os veículos eletrificados sejam em torno de 30% da frota nacional, quase um terço de veículos híbridos, híbridos plug-ins e elétricos. "Por isso nossa estratégia no Brasil é focar nos veículos eletrificados", afirmou.

FUTURO A companhia tem um caminhão movido a hidrogênio que já está rodando na China, fazendo entregas e circulando entre as fábricas e parques de fornecedores. Segundo o executivo, isso mostra a viabilidade do combustível. "Nós queremos começar os testes com esses veículos aqui no Brasil. Obviamente, a grande questão é onde abastecer o caminhão. Por isso, o nosso cronograma de testes também está atrelado à preparação e finalização dos pontos de abastecimento", disse. Bastos afirmou que grandes centros urbanos do Brasil terão pontos de abastecimento de hidrogênio com maior abundância. Segundo ele, o objetivo da GWM é substituir o diesel pelo hidrogênio, mais limpo, com uma pegada de carbono neutro, para alcançar a sustentabilidade no transporte rodoviário. A ideia é começar com testes, mas eles acreditam que, no médio prazo o Brasil pode ter caminhões a hidrogênio produzidos aqui. **S**

VISÃO DE LONGO PRAZO
Ricardo Bastos com o Haval H6 Híbrido acima e as instalações da fábrica do interior de SP abaixo

JCB INVESTE MEIO BILHÃO

Fabricante britânica de maquinário define plano na América Latina, de olho no mercado brasileiro. O objetivo de dobrar de tamanho até 2030

Aline ALMEIDA

BASE DE EXPORTAÇÃO
Para o presidente da JCB na América Latina, Adriano Merigli, o Brasil seguirá atendendo da Patagônia ao México

Gigante global do setor de máquinas para a construção civil, a britânica JCB quer construir uma nova estrutura de operação – maior e mais robusta – na América Latina. Na última semana, a companhia anunciou um investimento de R$ 500 milhões em suas operações na região, de olho em seu maior mercado, o Brasil. O objetivo é dobrar seu tamanho até 2030, segundo o presidente Adriano Merigli. Trata-se do maior investimento já realizado pela JCB e um dos maiores do setor na região nos últimos anos. "A modernização aumentará a capacidade e produtividade", afirmou o executivo. "Temos um plano de alinhamento estratégico para os próximos cinco anos, que é duplicar o tamanho da nossa operação no Brasil, que atende a região da América Latina inteira, do México à Patagônia", disse.

A JCB, embora não seja conhecida pela maioria dos brasileiros, dispensa apresentações no setor da construção. A empresa, fundada em 1945, é reconhecida por inventar a retroescavadeira, por exemplo. Hoje ocupa a terceira posição no ranking dos maiores fabricantes globais de equipamentos para construção e uma das líderes mundiais no segmento chamado de máquinas amarelas. A JCB possui uma fábrica em Sorocaba (SP), atendendo toda a América Latina, onde são comercializadas retroescavadeiras, manipuladores telescópicos Loadall, pás carregadeiras, escavadeiras

Desde sua chegada ao país, há mais de 20 anos, a empresa teve em 2023 seu segundo melhor ano, com a venda de 3,5 mil máquinas no mercado interno. “Pretendemos crescer 10% neste ano, enquanto o setor como um todo deve crescer em torno de 5%”, disse Merigli. Parte deste crescimento virá da expansão do portfólio e de uma maior participação de mercado em equipamentos pesados.

ESTRUTURA Atualmente, a empresa mantém 600 empregados na região, em sua maioria baseados no headquarter regional em Sorocaba. A produção atende a todos os países da região. O investimento também impactará a economia local. Segundo Merigli, o investimento gerará mil novos empregos, sendo 300 diretos e cerca de 700 indiretos. Além disso, o investimento fortalecerá a rede de distribuição. “Temos a maior rede da linha amarela. Para o cliente, a rede de distribuição é mais importante do que a máquina em si. Portanto, além de focar na produção, precisamos focar no canal de distribuição também.”

As vendas para o setor de construção representam 40% do total, para o agronegócio 25%, e outros 20% para empresas de locação de equipamentos. No quesito inovação, a companhia se destaca por investir constantemente em novas tecnologias. Para pequenos equipamentos, aposta na eletrificação visando a descarbonização. Já nos equipamentos de maior porte, opta pelo desenvolvimento de motores de combustão interna a hidrogênio. Para a empresa, o Brasil representa grande potencial para a aplicação dessas tecnologias nos próximos anos. “Estamos no terceiro ciclo, que é realmente o crescimento e a consolidação da máquina. Tivemos o ciclo de chegada, o ciclo de ganho de mercado e agora o terceiro, para participar de uma maneira mais forte em segmentos que ainda não estávamos”, afirmou Merigli.

hidráulicas de esteiras, miniescavadeiras, minicarregadeiras, rolos compactadores e plataformas elevatórias.

Agora, com esse investimento, a multinacional inicia um novo ciclo de expansão, que ocorre dentro de um planejamento de cada cinco anos. Segundo Merigli, a empresa pretende expandir sua presença nos segmentos de pá carregadeira e escavadeira, com o objetivo de aumentar a produção de 5 mil para 10 mil máquinas. Esses segmentos têm sido atendidos no Brasil há apenas cinco anos, ainda havendo 95% do mercado para explorar.

FÁBRICA DE SOROCABA A unidade da companhia no interior de São Paulo terá ampliada e modernizada com os investimentos programados

PORTO DE SANTOS SOLTA AS A

Maior terminal portuário da América Latina receberá mais de R$ 20 bilhões de investimentos até 2028. Será suficiente para desafogar a operação?

Letícia FRANCO

O Porto de Santos, maior complexo portuário da América Latina, é historicamente cercado por discussões sobre a privatização, desafios de infraestrutura e a necessidade de modernização. O primeiro imbróglio foi resolvido em outubro de 2023, quando o governo de Luiz Inácio Lula da Silva retirou o terminal do Programa Nacional de Desestatização (PND). A decisão de incluir o complexo no PND havia sido tomada no governo de Jair Bolsonaro, pelo então ministro de Infraestrutura Tarcísio de Freitas, hoje governador de São Paulo. Superada essa questão, o desafio é outro: expandir a capacidade e eficiência do Porto, que opera no seu limite desde 2019 e é alvo de críticas pelas empresas de logística.

Em evento realizado na segunda-feira (17), em São Paulo, Anderson Pomini, presidente da Autoridade Portuária de Santos, administradora do local, detalhou o plano de investimentos R$ 20,53 bilhões para o Porto de Santos, incluído no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) pelo governo federal no último ano. O montante prevê aportes de 2024 a 2028 para áreas como serviços de adequação e dragagem de

 | CLAUDIO GATTI | AGÊNCIA O GLOBO

O GOVERNO FEDERAL COMPREENDEU QUE O INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA ATRAVÉS DO PORTO É FUNDAMENTAL”

ANDERSON POMINI,
PRESIDENTE DA APS

MARÉ ALTA
O desafio do PAC é elevar o índice de conclusão das obras, que ficou abaixo de 10% na primeira versão do programa (entre 2007 e 2010) e pouco mais de 25% na segunda versão

S AMARRAS

aprofundamento de berços, melhorias na avenida perimetral e a obra de acesso do túnel Santos-Guarujá, a qual se configura como principal empreendimento do novo PAC, orçado em R$ 5,13 bilhões bancados em partes iguais pelos governos federal e paulista, via Parceria Público Privada (PPP).

Um dos carros-chefes das gestões petistas no passado, o PAC inclui R$ 371 bilhões em investimentos públicos, pelo Orçamento da União, até 2026. Com recursos de bancos públicos, concessões e PPPs federais e investimentos de estatais, sobretudo da Petrobras, a cifra total é de R$ 1,7 trilhão, sendo R$ 1,4 trilhão aplicado pelos próximos três anos. O desafio no atual momento do Brasil é elevar o índice de conclusão das obras, que ficou abaixo de 10% na primeira versão do programa (entre 2007 e 2010) e pouco mais de 25% na segunda versão (a partir de 2010). Diante disso, a pergunta é inevitável: o novo PAC será responsável por destravar os obstáculos do Porto? “A proposta já esteve em pauta nos programas anteriores e não foi possível perceber grandes melhorias no Porto de Santos. Antes, uma das principais questões era ampliação do local, em que os arredores foram tomados pelas cidades”, disse Aline Guedes, professora de logística da Faculdade Arnaldo Janssen, de Belo Horizonte (MG).

Em 40º lugar entre os portos mais importantes do mundo — de acordo com ranking da revista britânica Lloyd’s List —, o movimento no terminal cresce anualmente, corroborando com a urgência de melhorias. Em 2023, o Porto de Santos estabeleceu novo recorde histórico, com a movimentação de 173,3 milhões de toneladas, com uma alta de 6,7% em relação ao ano de 2022 (162,4 milhões). Segundo Anderson Pomini, presidente da Autoridade Portuária de Santos (APS), os números mostram a importância do complexo para o País e a necessidade de investimentos. “O plano de R$ 20 bilhões é histórico. O governo federal compreendeu que o investimento em infraestrutura através do Porto é uma demanda principal. O aprofundamento do canal e a construção do túnel são algumas das principais obras, com grande parte dos investimentos públicos”, afirmou à DINHEIRO.

PROJETO Embora a joia da coroa do plano seja o túnel Santos-Guarujá, que promete sair do papel após quase 100 anos de promessas e expectativas, a dragagem de aprofundamento do canal de 15 metros para 16 metros até 2026, com investimentos de R$ 324,1 milhões, e as obras nas avenidas perimetrais de Santos (Trecho Alemoa) e Guarujá, com valores de R$ 25,8 milhões e R$ 544 milhões, respectivamente, são outros grandes projetos. Paulo Luives, especialista da Valor Investimentos, afirmou que “as capacidades de transporte não são suficientes para o volume atual e causa atrasos e ineficiências”. Além desses, outros programas foram detalhados por Pomini, como o Parque Valongo, com inauguração prevista para o próximo mês, digitalização do monitoramento de caminhões, adequação do aeroporto do Guarujá, entre outras estratégias fundamentais para o destino do Porto, que segue sob domínio público e almeja crescer com o trabalho em conjunto entre as autoridades federais, estaduais e a iniciativa privada. Até que o dinheiro seja efetivamente aplicado e as obras concluídas, o Porto de Santos continuará sendo o maior da América Latina, defasado e alvo de críticas dos operadores.

NASCE O PRIMEIRO SUBSTITUTO AO NEOPRENE

Maior varejista esportiva do mundo, Decathlon apresenta ao mercado o único produto que, até aqui, é capaz de ocupar o lugar da lendária borracha artificial nas atividades aquáticas

Alexandre INACIO

Com pouco mais de 90 anos de vida, o Neoprene pode estar próximo de encerrar um ciclo. Pelo menos no mundo dos esportes. Considerado um dos polímeros mais importantes extraídos do petróleo para indústria de transformação, a borracha sintética lançada pela DuPont no início da década de 30 encontrou um concorrente que se apresenta com um ar de déjà vu.

O Neoprene foi criado para ser o substituto sintético da borracha natural. A demanda pelo látex das seringueiras era tão grande no início do século XX, que os preços no mercado internacional estavam nas alturas. Com o mundo vivendo sua segunda Revolução Industrial e os preços da borracha chegando a patamares sem precedentes, o governo americano incentivou suas indústrias químicas a desenvolverem alternativas. Em 1932, o Neoprene chegava ao mercado.

Quase um século depois e com as mudanças climáticas batendo à porta do planeta, a francesa Decathlon, maior varejista de artigos esportivos do mundo, apresentou ao mercado o Yulex100, um novo composto desenvolvido 100% a partir de borracha natural e certificada. Foram necessários dois anos de pesquisas e testes com a americana Yulex para chegar à fórmula ideal do produto, que está sendo considerado a primeira e, até o momento, única alternativa ao Neoprene no mundo.

No universo esportivo, o novo produto será usado pela Decathlon como alter-

MAIS ECOLÓGICO
Novo composto à base de borracha natural levou dois anos para ser desenvolvido e tem emissão 80% menor quando comparado ao de material sintético

FOCO NAS CRIANÇAS
No Brasil, empresa iniciou as vendas de roupas para surfe com foco no universo infantil por R$ 199, mas pretende expandir a operação aos demais segmentos a partir de 2025

THIS IS
YULEX 100

nativa ao Neoprene na confecção de roupa para esportes aquáticos, como surfe e mergulho. A aposta da varejista tem uma razão: o menor impacto ambiental. As roupas de surfe e mergulho fabricadas com o Yulex emitem 80% menos CO_2 quando comparadas às de Neoprene.

"Foram mais de 50 formulações e testes em laboratórios para se chegar ao produto final, que consegue ser leve, quente e durável, atendendo às exigências dos usuários", disse Lola Molines, chefe de sustentabilidade da Decathlon no Brasil, à DINHEIRO. Segundo ela, as mais de 200 pessoas em Hendaye — centro de desenvolvimento de produtos da Decathlon voltado para o segmento de esportes aquáticos, instalado no sudoeste da França— se debruçaram sobre o projeto.

A empresa aproveitou o dia mundial dos oceanos, no início de junho, para apresentar oficialmente os novos trajes em um evento realizado na França para jornalistas e convidados. Aqui no Brasil, o foco inicial será o segmento de surfe, com ênfase para roupas voltadas ao público infantil. A escolha não é por acaso, o público-alvo representou 34% dos trajes de surfe vendidos pela Decathlon em 2023. Dois modelos já podem ser adquiridos on-line e também nas prateleiras de 11 lojas da rede no País, pelo valor de R$ 199.

A ideia é que a iniciativa resulte em uma significativa redução no uso de Neoprene, com planos de expandir para a linha adulta em 2025. O objetivo da marca é transformar toda a linha de trajes de mergulho para ser a mais livre possível de Neoprene, expandindo a aplicação do Yulex100 para outros esportes aquáticos, como mergulho e natação em águas abertas. Além disso, será importante para que a companhia alcance os compromissos assumidos globalmente para reduzir seu número de emissões.

METAS A Decathlon estabeleceu suas metas de descarbonização alinhadas ao Acordo de Paris e ao padrão Net Zero. Entre os objetivos está cortar em 20% suas emissões até 2026, reduzir em 42% até 2030, para, finalmente, alcançar o Net Zero em 2050. No ano passado, a empresa reduziu as emissões líquidas em 10%, e o comércio de produtos da linha eco-design — aqueles que comprovadamente têm menor impacto ambiental — aumentou em 3,7 vezes ante a 2021, atingindo 38,8% do volume total de vendas.

Ainda que a Decathlon almeje uma substituição de pelo menos parte dos trajes de Neoprene pelo composto à base de borracha natural, a tarefa não será simples. Estimativas indicam que o mercado mundial de borracha sintética movimente por ano um valor próximo de US$ 33,5 bilhões. E as estimativas são de crescimento. Nos próximos cinco anos, o segmento deve superar a marca de US$ 41 bilhões em termos globais.

Desenvolver produtos com menor impacto é apenas um dos três pilares da Decathlon para reduzir suas emissões. Outra vertente passa pela descarbonização de toda a sua cadeia de fornecedores, onde a empresa incetiva não apenas a redução no consumo de energia, como também a adoção de fontes renováveis. O terceiro pilar inclui a reformulação do próprio modelo de negócios da Decathlon.

Na Europa, a empresa já tem implementado um sistema de aluguel de equipamentos, revenda e reparo de produtos. A ideia é expandir o ciclo de vida dos itens, oferecendo aos clientes os insumos necessários para que os mesmos realizem reparos por conta própria ou possam utilizar as oficinas disponíveis nas lojas. "Hoje, uma das minhas principais missões é trazer esse modelo da Europa aqui para o Brasil. Em breve, será possível encontrar esse novo modelo por aqui", afirmou Lola. O meio ambiente agradece.

UMA PEDRA **MISTERIOSA EM MARTE**

O robô Perseverance, da Nasa, descobriu uma rocha diferente de todas que já foram encontradas na superfície de Marte. Ela foi observada em um deserto árido do Planeta Vermelho, que já foi um antigo canal de rio que alimentava a cratera Jezero há bilhões de anos. A região é aquela onde os cientistas acreditam que organismos microscópicos podem ter existido há muito tempo. A pedra que atraiu a atenção da equipe científica tem manchas claras em meio a um mar de outras com pedaços escuros. Uma análise mais detalhada com os instrumentos do laboratório Perseverance mostra que é provavelmente um anortosito, um tipo de rocha rara inclusive na Terra, predominantemente feito de feldspato, um mineral ligado a fluxos de lava. "Se virmos isso mais tarde no contexto de outras rochas, isso pode nos dar uma ideia de como surgiu a crosta mais antiga de Marte", disse Katie Stack Morgan, pesquisadora da Nasa.

GOVERNO DIGITAL AVANÇA?

Enquanto as empresas desenvolvem soluções inovadoras com uso de tecnologias de ponta, o setor público ainda engatinha. É o que mostra o estudo TIC Governo

91% das prefeituras brasileiras disponibilizaram ao menos um serviço on-line aos cidadãos

33% delas realizam agendamentos para consultas e atendimentos on-line

94% das prefeituras de localidades com mais de 500 mil habitantes ofertaram cinco ou mais tipos de serviços on-line

56% das prefeituras de municípios com até 10 mil habitantes oferecem cinco ou mais tipos de serviços on-line

usam WhatsApp ou Telegram como canal para o cidadão solicitar serviços públicos

dispõem contato por website

dispõem de app de celular da própria prefeitura

das prefeituras disponibilizam conexão Wi-Fi gratuita em áreas públicas

dos órgãos públicos (federais, estaduais e municipais) usam Inteligência Artificial

INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: AFP | AETOSWIRE | DIVULGAÇÃO

Eletrônico 2023, lançado segunda-feira (17) pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). O levantamento aponta que 91% das prefeituras disponibilizam ao menos um serviço on-line aos cidadãos. Mas isso não significa um atendimento digitalizado de verdade. Por vezes, apenas uma segunda via de algum documento é oferecido. Nada mais. Confira os principais insights da pesquisa:

92% das prefeituras possuem website

89% disponibilizam download de documentos ou formulários

27% dos órgãos públicos (federais, estaduais e municipais) utilizam Internet das Coisas (IoT)

15% dos órgãos públicos (federais, estaduais e municipais) adotaram Blockchain

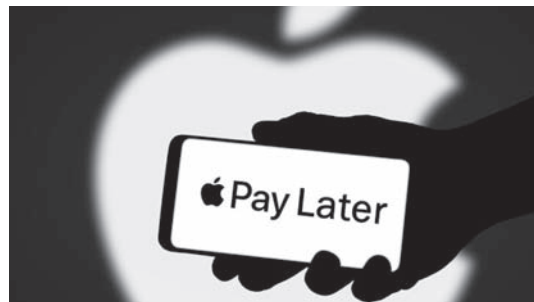
RIVAL DA TESLA, FISKER PEDE FALÊNCIA

A Fisker acabou. A empresa que ganhou destaque como uma das mais ameaçadoras concorrentes da Tesla entrou com pedido de Chapter 11 nos Estados Unidos, equivalente à recuperação judicial brasileira. Apesar do fundador Henrik Fisker ter levantado mais de US$ 1 bilhão em investimentos, a quantia foi insuficiente para sustentar a produção em escala. A Tesla, de Elon Musk, por sua vez, utilizou US$ 9 bilhões antes de começar a lucrar em 2019, vendendo cerca de 368 mil veículos naquele ano. Seu único carro fabricado, o Fisker Ocean, ganhou má reputação pelo design e vários problemas de qualidade, com muitos recalls. As dificuldades financeiras levaram à interrupção completa da produção em maio. O próximo passo para Fisker, ao que parece, é vender o que resta da empresa e fechar as portas.

FIM DO APPLE PAY LATER

A trajetória foi curta. Apresentado na WWDC 2022 e lançado em março de 2023 nos Estados Unidos, o Apple Pay Later, serviço que permitia aos usuários parcelarem os pagamentos sem taxas ou juros, foi descontinuado pela gigante de tecnologia. O serviço foi oferecido a um número limitado de clientes antes de ser expandido para todos os usuários americanos em outubro de 2023 para pagamentos entre US$ 75,00 e US$ 1 mil. Uma espécie de carnê digital. Nós brasileiros sabemos bem como isso funciona. Eles não. E não deu certo. Por enquanto. Porque a Apple já prepara um substituto. "A partir do final deste ano, usuários em todo o mundo poderão acessar empréstimos parcelados oferecidos por meio de cartões de crédito e débito, bem como credores, ao finalizar a compra com o Apple Pay", disse a companhia em comunicado. Viria mais forte. É pagar para ver.

X ANDA MAL EM RECEITAS

Com um grande relatório sobre o X em mãos, a Bloomberg apontou dois fatos relevantes. O primeiro, que o antigo Twitter continua seus esforços para permitir pagamentos por meio do aplicativo. Passo importante para isso tem sido os acordos com processadores de pagamento, como o Stripe. O segundo são os resultados financeiros não tão bons do X em 2023. Documentos mostram que a plataforma gerou US$ 1,48 bilhão em receitas nos primeiros seis meses do ano passado, uma queda de quase 40% em relação ao mesmo período de 2022, antes de Elon Musk comprar a rede. O bilionário continua brincando com a empresa – e seus usuários.

Transformação digital avança, mas desafios na agregação do 5G e novas tecnologias persistem, de acordo com o estudo EY Reimagining Industry Futures 2024

INTEGRAÇÃO EM XEQUE?

Aline ALMEIDA

A era digital está em plena aceleração, impulsionada por um conjunto de tecnologias inovadoras que estão transformando a forma como as empresas operam, competem e se relacionam com seus clientes. A ascensão de tecnologias emergentes como 5G, IoT, GenIA, IA e automação está criando um cenário de oportunidades sem precedentes para as companhias que souberem aproveitá-las. Mas nem tudo vai bem nesse novo mundo de inovação. Algumas tecnologias estão divergindo e fazendo com que as organizações avaliem com mais cuidado o momento de adotá-las. A integração do 5G com as tecnologias e processos existentes é o desafio mais crítico para as empresas, aponta o estudo EY Reimagining Industry Futures 2024: How can you realize the promise of transformational technologies?, o qual a DINHEIRO teve acesso com exclusividade.

O estudo parte do pressuposto de que as ferramentas tecnológicas têm cumprido com seu papel de facilitar, desenvolver, auxiliar e até mesmo criar coisas que em momentos anteriores não eram possíveis. Porém, esses processos de adaptação e integração requerem uma série de fatores para que as ferramentas consigam chegar ao ápice de sua função. A maioria das empresas ainda está na fase de prova de conceito ou piloto na implementação de tecnologias emergentes. A Inteligência Artificial (45%) e automação (35%) têm foco principal nas corporações, enquanto computação de borda, IoT (internet das coisas) e AR/VR (Realidade Aumentada e Virtual) apresentam progresso mais lento.

Leonardo Donato, sócio-líder da EY de Telecomunicações, Mídia & Entretenimento e Tecnologia para América Latina, explica que, inicialmente, cada empresa tem de entender qual o problema a ser resolvido por ela. "Esse é o primeiro desafio e não é uma resposta simples. Até porque, mesmo quem já tem uso ou experiência com a tecnologia, seja ela qual for, ainda não conhece todas as funcionalidades e todo o alcance que ela pode provocar", disse o executivo. Para ele, ainda existem gargalos para os avanços tecnológicos serem efetivados em sua totalidade, principalmente em relação à capacidade dos gestores.

O levantamento da EY aponta que a proliferação de tecnologias emergentes exige que as empresas combinem essas inovações de ponta e aprimorem a governança de dados. Para 75% dos entrevistados, essa combinação é crucial para facilitar implementações em larga escala. A Inteligência Artificial generativa (GenAI) se destaca como prioridade de investimento, com 43% dos entrevistados aportando recursos nessa tecnologia. O foco está em casos de uso como treinamento de funcionários e aprimoramento do atendimento ao cliente.

INTERNET As empresas das Américas ainda lideram globalmente o

"Mesmo quem já tem uso ou experiência com a tecnologia, seja ela qual for, ainda não conhece todas as funcionalidades"

LEONARDO DONATO
SÓCIO-LÍDER DA EY

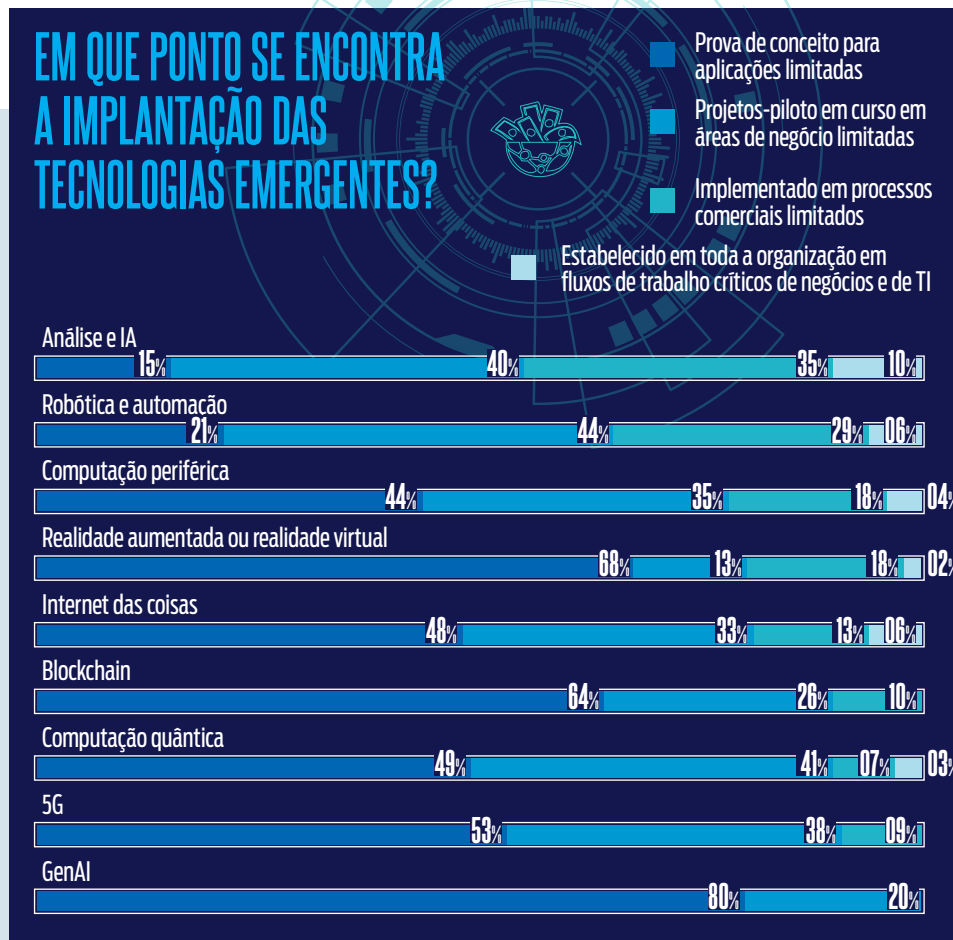
FOTO: DUDA BAIRROS

investimento em 5G, mas sua vantagem está diminuindo, de acordo com a pesquisa. Os investimentos na região caíram 3% no último ano, enquanto Europa e Ásia registraram aumentos de mais de 10%. Apesar disso, 20% das empresas globais ainda não planejam investir em 5G. Integração, escalabilidade e governança de dados são as principais preocupações das corporações em relação às tecnologias emergentes. E 75% delas buscam entender melhor como combinar diferentes tecnologias para aumentar seus valores. A transição de testes para implementações em larga escala representa um desafio significativo, com 63% das empresas enfrentando dificuldades nesse processo. Além disso, roteiros tecnológicos inadequados e sobrecarga de sistemas de TI legados complicam a expansão de novas tecnologias.

Donato, da EY de Telecomunicações, frisa que a ampla adoção de algumas tecnologias se deve à facilidade de uso e à existência de casos de sucesso. No entanto, a popularidade não garante sua maturidade completa em termos de benefícios e aplicações. "Essas tecnologias, entre elas a IA, conseguiram provar que tem eficiência e eficácia e baixo custo de implementação."

Com quase metade das organizações investindo em GenAI, o estudo salienta que as empresas estão avaliando seu impacto geral. A maioria (55%) demonstra uma mentalidade cautelosa e ponderada. Já 38% acreditam que a GenAI será aditiva e complementar às iniciativas de IA existentes, aprimorando-as ao longo do tempo. E 17% dizem que estão "consciente do risco", reconhecendo as incertezas que limitam a adoção em larga escala. Essa cautela é mais evidente nos setores financeiro (21%) e de saúde (21%), onde as preocupações com ética e responsabilidade de dados são mais relevantes. Apenas 18% das empresas acreditam que a GenAI terá um impacto radical e acelerará sua transformação digital. No entanto, 27% veem a GenAI como uma oportunidade para experimentar e aprender fora dos programas de transformação existentes.

SUSTENTABILIDADE O estudo mostra que as empresas reconhecem o papel crucial das tecnologias emergentes na promoção da sustentabilidade. Mais da metade (56%) das empresas globais acreditam que essas tecnologias podem acelerar significativamente os esforços para iniciativas sustentáveis. No entanto, 39% veem as tecnologias emergentes com um impacto positivo geral e alguns riscos associados, numa perspectiva mais prevalente entre as empresas europeias, com 43%.

A redução da pegada de carbono de tecnologias como IA, IoT e computação em nuvem tornou-se uma prioridade para fornecedores de tecnologia e ecossistemas industriais. Mais de 80% das empresas citam o ESG como um fator crucial ao investir em ferramentas emergentes, com destaque para as empresas da Ásia-Pacífico. As considerações ambientais, sociais e de governança estão se tornando cada vez mais importantes nas decisões de compra de tecnologia. A proporção de empresas que citam o ESG como um fator principal ou importante no planejamento de investimentos aumentou de 76% em 2023 para 82%, em 2024.

REIMAGINANDO O CONCEITO DE SUCESSO

LUÍS GUEDES
PROFESSOR
DA FIA BUSINESS
SCHOOL

No campo da gestão estratégica, poucos embates são tão duradouros e polarizados quanto o que contrapõe a Teoria dos Stakeholders, de Ed Freeman, e a doutrina da primazia do acionista, que tem entre seus signatários mais importantes Milton Friedman, vencedor de um Nobel de Economia.

Friedman tem a crença inabalável de que a única responsabilidade da empresa é para com seus proprietários. Seu argumento central é sólido: ao se concentrar nos lucros, as empresas contribuem inerentemente para o bem-estar da sociedade, e a soma dos interesses individuais de comerciantes, industriais e empreendedores faz a roda do capitalismo girar.

Ocorre que a globalização, novas tecnologias e mudanças sociais tectônicas desafiaram essa lógica, cujas bases ainda sofreram abalo com a crescente interdependência das cadeias produtivas. É nesse contexto queFreeman propõe um novo olhar, mais amplo, sobre a razão de ser das empresas. Sua teoria propõe que sejam entrelaçados os interesses de um grupo ampliado de stakeholders – funcionários, clientes, fornecedores, comunidade – à colcha da lucratividade. Essa mudança de direção muda a forma como se faz estratégia e ressignifica sucesso.

> **“Milton Friedman tem a crença inabalável de que a única responsabilidade da empresa é para com seus proprietários. Já Ed Freeman incentiva gestores a considerarem os impactos mais amplos de suas decisões visando a criação de valor”**

Na empresa que opera em rede, a qualidade do resultado econômico depende do acoplamento dos interesses dos participantes, para além das relações comerciais estritas. A Teoria dos Stakeholders de Freeman incentiva gestores e gestoras a considerarem os impactos mais amplos de suas decisões, visando a criação de um termo pelo qual esse articulista tem elevada estima: valor compartilhado.

A catarinense WEG, líder mundial na fabricação de equipamentos elétricos, há muito tempo adota uma abordagem estratégica que reconcilia interesses de diversos stakeholders. Ao se envolver com as comunidades locais, investir no desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores e promover relacionamentos de longo prazo com fornecedores, a WEG fomenta um ecossistema que apoia seu crescimento e reforça sua resiliência.Um exemplo notável é o investimento da companhia em energia renovável, projeto que alinha interesses corporativos com as metas globais de sustentabilidade e alcança as preocupações das partes interessadas ambientalmente conscientes. Essa estratégia não apenas reduz os riscos associados às mudanças regulatórias, mas também abre novos mercados e joga a favor da reputação da empresa. O resultado é um ciclo virtuoso em que as práticas sustentáveis levam à inovação e à melhoria da eficiência operacional. E do lucro – assim mesmo, em outra frase.

A Embraer oferece outro exemplo. O sucesso da companhia depende da orquestração de relacionamentos mutuamente benéficos com governos, reguladores, fornecedores, colaboradores, comunidade, clientes e até mesmo concorrentes. Não há GPT que resolva essa complexidade... O próprio modelo de inovação aberta da empresa é fortalecido por uma parceria com o Parque de Inovação Tecnológica de São José dos-Campos que, diga-se de passagem, é uma instituição incrível, que promove a conexão de ideias e negócios entre mais 400 instituições e 30 universidades.

Esse é um caminho sem volta. Nosso respeito a Friedman, mas estamos com Freeman! S

PRIORIDADE
O enólogo e chefe do Vinhedo Don Melchor, Enrique Tirado, lançou pessoalmente em São Paulo a nova safra do cabernet sauvignon premium

A SAFRA 2021 DO DON MELCHOR

O Don Melchor comemora seu 35º aniversário com o lançamento da safra 2021. Composto por 93% de Cabernet Sauvignon, 4% de Cabernet Franc e 3% de Merlot, o vinho é produzido em localização privilegiada na Viña Don Melchor, no vale do Alto Maipo. Esse terroir combina a produção de setes lotes que compõem o vinhedo — subdivididos, por sua vez, em 151 seções menores. As uvas são provenientes de videiras reproduzidas com base em seleção de plantas pré-filoxera. O resultado é um cabernet sauvignon único, reconhecido no circuito internacional. A safra 2021 conquistou 99 pontos na prestigiada avaliação de James Suckling, uma pontuação rara (a safra 2018 havia gabaritado: recebeu 100 pontos). O Brasil é o principal mercado de Don Melchor, por isso o lançamento da 35ª safra começou no Brasil. Pudera: nada menos que 98% dos turistas na sede de Don Melchor no Chile são brasileiros. O enólogo Enrique Tirado, CEO do vinhedo, comandou pessoalmente a comemoração em uma cerimônia no último dia 4. "O lançamento do Don Melchor 2021 em São Paulo foi o pontapé inicial de nossa turnê global para comemorar o 35º aniversário. Poder lançar esta nova safra do nosso icônico Cabernet Sauvignon no Brasil reflete, sem dúvida, o quão importante este mercado é para nós como Viña Don Melchor." O tinto, cuja safra mais recente foi apresentada na ocasião, é a principal de 13 marcas premium da vinícola Concha y Toro. Para o grupo, a proposta é dar a esses vinhos um tratamento diferenciado por meio da área de Luxury Brand Division. Cada garrafa da safra 2021 sai em média por R$ 1.200.

HOTEL

SOFISTICAÇÃO EM **CASABLANCA**

O tradicional hotel de luxo marroquino Royal Mansour abriu uma segunda unidade no país. Depois de oito anos de trabalhos, o Royal Mansour Casablanca foi inteiramente reconstruído para retomar o glamour da época de ouro dos anos 1950. Além de 149 quartos, suítes e apartamentos privados, conta com três restaurantes. Um deles, o La Brasserie, é pilotado pelo francês Éric Fréchon, chef premiado com três estrelas Michelin. Para quem deseja mergulhar na culinária local, a filial do premiado La Grande Table Marocaine traz a gastronomia ancestral marroquina.
O hotel é repleto de vegetação e traz decoração com mármore, madeiras nobres e tecidos luxuosos. A suíte real de 1 mil m^2 é a maior da cidade. No 23º andar é possível desfrutar a visão de 360 graus da cidade, inclusive a vista para o Oceano Atlântico. O hotel dispõe de spa com hammam (o tradicional banho turco). A arquitetura modernista do complexo tem um ar de vanguarda e rivaliza com o estilo mouro e art déco que caracteriza a antiga cidade colonial francesa. Mais informações em www.royalmansour.com.

PARA MERGULHADORES

SEIKO VINTAGE

A japonesa Seiko comemora em 2024 o centenário do primeiro modelo de pulso com o nome "Seiko" no mostrador. Para celebrar, lança uma reinterpretação moderna do primeiro relógio de mergulho lançado pela marca, em 1965. O Seiko Prospex Marinemaster, desenvolvido para mergulho de alto desempenho, sai em uma edição limitada de apenas 1.000 peças. É o primeiro relógio de mergulho da Seiko a ostentar fundo de caixa transparente, que permite a visualização do movimento mecânico. A estrutura exclusiva da caixa tornou o relógio mais fino (12,3 mm). A fábrica não tem tradição apenas entre os esportistas. Com 140 anos de história, foi a primeira a lançar um relógio a quartzo, em 1969. Preço Sugerido do Prospex Marinemaster: R$ 23.999.

DE MADAGASCAR

LUXO SUSTENTÁVEL

A grife italiana Fendi lançou na última terça (18) a bolsa Roll Bag, criada a partir de um projeto de empreendedorismo socialmente responsável liderado por mulheres com artesãs de Madagascar. A peça faz parte da Coleção Verão 2024 e homenageia o seu design original de 1997, renovada com alças de couro alongadas para uma funcionalidade moderna. Como o nome sugere, a bolsa foi inicialmente projetada para ser facilmente enrolada. Cada Roll Bag é criada a partir de raphia de origem local proveniente de uma palmeira endêmica de Madagascar. A fibra é tecida à mão usando um gancho de crochê no logotipo bicolor FF. A peça é então finalizada na Itália, onde os artesãos costuram e decoram as alças de couro com pontos feitos à mão. Disponível em três tamanhos. Os preços vão de R$ 10 mil a R$ 12 mil.

LUXO E CONEXÃO Inaugurada em 2003, Soho House New York é um dos principais endereços da rede de clubes privados

SOHO HOUSE DESEMBARCA EM SP

Clube privado de origem britânica, que reúne artistas e criativos em endereços exclusivos pelo mundo, inaugura na capital paulista sua primeira unidade na América do Sul

Letícia FRANCO

De origem britânica, o badalado clube privado Soho House já foi citado na autobiografia do príncipe Harry, que diz que o primeiro encontro com Meghan Markle aconteceu na sede londrina da rede. Outra unidade conhecida é a Soho House New York. O clube aparece em um episódio da sexta temporada da série norte-americana, Sex and The City. São 43 unidades hiper exclusivas espalhadas pelo mundo. A partir de 26 de junho, São Paulo se torna o novo endereço da rede e promete ser palco de boas histórias. A casa na capital paulista é um marco para a empresa. Trata-se da primeira unidade na América do Sul desde a sua criação, em 1995, e a segunda na América Latina (a primeira foi na Cidade do México em setembro de 2023). Já para o grupo seleto de membros, uma oportunidade para networking da indústria criativa - principal propósito da companhia -, que reúne artistas, designers, escritores, galeristas, arquitetos, cineastas, publicitários e outros criativos em eventos e festas exclusivas.

O conceito de exclusividade é um princípio que pode ser notado ainda nos primeiros detalhes, como a escolha do endereço. Embora alma globalizada, os clubes procuram preservar a cultura

e personalidade de cada cidade onde chega. Em São Paulo, a Soho House é sediada na Cidade Matarazzo, complexo de luxo na região da Bela Vista, que tem o hotel cinco estrelas Rosewood entre os empreendimentos. O clube ocupa o antigo Hospital Umberto I, popularmente conhecido como Hospital Matarazzo, fundado por Francesco Matarazzo em 1904 e depois tombado como patrimônio cultural. Uma combinação entre conforto, luxo e história. "Representa um dos nossos projetos mais influenciados pela cultura local e estamos animados para receber a comunidade criativa da cidade, assim como homenagear e compartilhar a cultura brasileira com a nossa comunidade global de membros", disse Andrew Carnie, CEO da Soho House & Co.

Além da história arquitetônica, que é por si só um dos charmes do prédio, os interiores foram inspirados na herança portuguesa da cidade e no modernismo brasileiro. O espaço contempla 32 quartos de hotel, academia, spa, pool bar no terraço, restaurantes e bares, incluindo áreas ao ar livre em meio aos jardins que circundam o edifício. Segundo informações da Soho House, os ambientes contam com móveis e diferentes objetos feitos por artesãos locais. Uma coleção de arte com cerca de 100 obras assinadas por mais de 60 artistas nascidos, baseados ou que fizeram carreira no Brasil também é uma atração à parte para os frequentadores.

MEMBROS Os requisitos para entrar no seleto grupo de frequentadores de um dos clubes mais cobiçados do mundo incluem pagamento de adesão anual e análise de um conselho que vota em quem pode se associar. As inscrições para se tornar membro da Soho House São Paulo estão abertas. O custo anual para se filiar é de R$ 20,6 mil para ter acesso às 43 unidades da rede espalhadas no mundo, e R$ 8,1 mil para usufruir apenas da casa paulistana. Com o propósito de atrair profissionais da indústria criativa, inclusive aqueles em início de carreira, a companhia oferece mensalidade reduzida e benefícios para quem tem menos de 27 anos, como 50% de desconto em comida e bebida em determinados dias da semana. Quem faz parte tem direito a levar três convidados de fora por vez para passar algumas horas no local.

Clubes como a Soho House, que contempla especialmente eventos e reuniões entre membros selecionados a dedo, não é algo novo. Pelo menos fora do Brasil. Os primeiros clubes privados foram criados ainda no século 18. Na época, apenas homens da nobreza se reuniam nesses lugares. Mas assim como toda parte da sociedade se molda aos padrões, que mudam ao longo dos anos, os clubes também se adequaram e hoje se tornaram lugares para comer e beber, socializar e estabelecer conexões importantes. E é dessa forma que a Soho House chega ao Brasil e promete dar destaque para o setor nacional por meio da tradição e contemporaneidade. Um endereço hiper exclusivo à moda brasileira.

POR DENTRO Localizado na Bela Vista, no antigo Hospital Matarazzo, o novo clube possui diversos ambientes, incluindo quartos e espaços ao ar livre para receber membros da indústria criativa

POR PAULA CRISTINA

DISPUTA COM O GOVERNO

PETROBRAS FIRMA ACORDO TRIBUTÁRIO DE R$ 11 BI

O Conselho de Administração da Petrobras aprovou na segunda-feira (17) a adesão a um acordo com o governo para encerrar uma disputa tributária envolvendo a empresa e a União. O acordo, segundo a Petrobras, terá um impacto de R$ 11 bilhões no lucro do segundo trimestre da companhia. A Petrobras divulgou um comunicado ao mercado com a informação.A disputa se referia a alguns tributos que, segundo a União, não foram pagos como deveriam ter sido entre os anos de 2008 e 2013: Cide e PIS/Cofins.

O total do contencioso era de R$ 44 bilhões, mas a Petrobras obteve um desconto de 65% para aderir ao acordo e pagar a dívida. Com isso, terá que pagar R$ 19 bilhões, dinheiro que vai para os cofres públicos e ajuda a União a tentar encerrar o ano com déficit zero. O acordo será pago da seguinte forma: entrada de R$ 3,57 bilhões, a serem pagos em 30 de junho de 2024. O saldo remanescente será pago em seis parcelas mensais de aproximadamente R$ 1,38 bilhão cada, com a primeira parcela em 31 de julho de 2024 e as demais no último dia útil dos meses subsequentes, atualizadas pela taxa Selic. Essa adesão, segundo a Petrobras, traz benefícios econômicos para a empresa, porque vai evitar custos e esforços financeiros com a manutenção de garantias judiciais e outras despesas processuais.

1,5 bilhão É o total que será pago pela Cemig em juros sobre o capital próprio (JCP) e dividendos. O pagamento está programado para o dia 28. Os dividendos totalizam R$ 266,6 milhões e serão pagos com base na posição acionária do dia 29 de abril. Já o JCP, dividido em levas, envolve recursos de R$ 1,3 bilhão.

1,7 bilhão Foi o valor informado em fato relevante divulgado pela Itaúsa para o pagamento de R$ 1,7 bilhão entre JCP e dividendos, o equivalente a R$ 0,1646 por ação. Como há a incidência de 15% de Imposto de Renda (IR) na fonte, o valor líquido total será de R$ 1,445 bilhão, ou R$ 0,139910 por ação.

NOVAS REGRAS

MARCO LEGAL DE SEGUROS AVANÇA NO SENADO

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado aprovou, na terça-feira (18), o Projeto de Lei Complementar (PLC) 29/2017 que estabelece o novo marco legal para o setor de seguros privados no Brasil, com um adendo: um dispositivo que prevê que a União receba os prêmios (valores pagos pelos clientes às seguradoras) não resgatados pelos beneficiários. Com a mudança, o texto volta agora para aprovação final na Câmara dos Deputados.

O principal objetivo do projeto de lei, que tramita há quase duas décadas no Congresso Nacional, é aumentar a proteção e a transparência ao consumidor de seguros ao estabelecer uma legislação própria para o mercado de proteção de bens.

O texto unifica regras esparsas, abrangendo consumidores, corretores, seguradoras e órgãos reguladores. Também trata de princípios, carências, prazos, prescrição e condutas específicas para seguro individual e coletivo, bem como de deveres e responsabilidades dos segurados e das seguradoras. Uma das principais mudanças proposta pelo projeto é a que trata do prazo para o pagamento do sinistro (ocorrência do risco previsto no contrato de seguro). Segundo o texto, as empresas terão 30 dias para realizar o pagamento das indenizações em caso de sinistro, após a apresentação da documentação.

 | FOTOS: FLICKER | FREEPIK

EU, PESSOALMENTE, ACHO EQUIVOCADO A GENTE TAXAR AS PESSOAS HUMILDES. POR QUE TAXAR US$ 50? POR QUE TAXAR O POBRE E NÃO TAXAR O CARA QUE VAI NO FREE SHOP GASTAR US$ 1 MIL?

LULA, presidente da República, sobre taxação das blusinhas

+ 312%

Foi o aumento do lucro líquido da São Martinho no quarto trimestre da safra 2023/24, para R$ 627,3 milhões, na comparação anual. O resultado foi puxado pela entrada de duas parcelas dos precatórios da ação da Copersucar contra o extinto Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). Sem os precatórios, o lucro do trimestre teria sido de R$ 80 milhões.

R$

1,4 trilhão Foi a movimentação do varejo brasileiro ano passado, alta nominal de quase 8% sobre o ano anterior, segundo a NielsenIQ. Para 2024, a empresa de pesquisas prevê avanço de 9,2% nos negócios. Se atingir essa expansão, as vendas irão alcançar cerca de R$ 1,5 trilhão.

US$

3,33 trilhões Foi o valor de mercado batido pela Nvidia na terça-feira (18). Com resultado, a fabricante de chips se tornou a empresa listada na bolsa de valores dos Estados Unidos mais valiosa. Logo atrás da Nvidia, Microsoft e Apple seguem no grupo das trilhardárias.

– 5,77%

Foi a queda no preço do arroz em casca posto nas indústrias do Rio Grande do Sul na primeira quinzena de junho, após ter fechado maio em alta de cerca de 12%, com as enchentes atingindo a colheita, de acordo com dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) e do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga).

O Bitcoin (BTC) caiu para o menor preço desde o dia 15 de maio em resposta tanto às saídas milionárias nos produtos de investimentos de ativos digitais como ao pessimismo com os juros nos Estados Unidos. Dados levantados pela plataforma CoinShares mostram que US$ 600 milhões foram retirados de fundos de investimento cripto entre 11 e 17 de junho, o maior valor desde março. Só os ETFs (fundos de índice) à vista de BTC dos EUA foram responsáveis por US$ 580 milhões das saídas.

ARTIGO

POR **VITORIA SADDI***

BRASIL: QUEDA RECORDE DO IBOVESPA E A PIORA FISCAL

A deterioração das contas públicas explica boa parte da queda do índice da B3. O mercado reverterá a percepção negativa só se o governo sinalizar uma mudança

As maiores Bolsas de valores no mundo tiveram altas expressivas em 2024 até maio. As únicas quatro que tiveram queda no ano até hoje foram: Brasil, México, França e Indonésia. No mundo, o Ibovespa foi o índice que mais caiu, acumulando queda de 10% no ano até agora. A alta do dólar no mundo sugere uma expectativa futura de corte na taxa de juros, a chamada Fed Funds rate. Nesse sentido, todas as moedas atreladas ao dólar tendem a se desvalorizar. Em parte, por tal motivo, o real se desvalorizou quase 10% no ano, ficando apenas um pouco atrás do iene, que foi a moeda que mais se enfraqueceu este ano. O objetivo deste artigo é analisar as razões (domésticas e externas) que levaram à piora da Bolsa no Brasil.

A deterioração da Bolsa brasileira pode ser explicada por dois fatores. O primeiro é externo. O Ibovespa fechou 2023 acima dos 134 mil pontos. No entanto, os dados de emprego e inflação ainda altos nos EUA trouxeram a certeza de que o Fed não iria promover o corte esperado de juros logo no primeiro trimestre de 2024. Isto levou a uma saída de capital, pressão por desvalorização e piora do Ibovespa.

O segundo fator é consequência direta da piora fiscal da economia. Em abril, o governo federal alterou a meta fiscal de 2025 de um superávit para déficit zero. A redução da meta não foi bem recebida pelo mercado, que viu a imagem de responsabilidade fiscal do governo arranhada. O risco-país, medido pelo CDS de cinco anos, acumula alta de quase 19% no ano até maio. A deterioração do Ibovespa é resultado do aumento da percepção de risco Brasil.

O desejo do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, de obter um déficit primário de 0% este ano vai ficando distante da realidade; o mercado estima um déficit de 0,7%. A condição de sustentabilidade da dívida pública estabelece que seu montante não pode ser superior ao valor presente de todos os superávits primários futuros. Neste sentido, a geração de superávits primários é fundamental para garantir que tal condição seja satisfeita.

O déficit orçamentário atual impõe limites à atuação do Banco Central em relação à taxa de juros. Embora a inflação mais baixa possibilite a continuidade da flexibilização da política monetária, a manutenção de déficits fiscais e o aumento da dívida em relação ao PIB resultam em uma taxa de juros neutra mais alta. De fato, , as NTN-Bs tão cobiçadas pelo mercado começam a ser influenciadas pela percepção do risco fiscal, negociadas com maior prêmio sobre o IPCA. E, quando marcadas a mercado pelos fundos que investem nestes títulos, acabam causando rendimento negativo. Tome-se, por exemplo, o IMA-B5+ (são os títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento superior a 5 anos), que teve rendimento negativo de quase 3% no ano até final de maio. De um lado, é preocupante, pois tais títulos representam uma busca de proteção contra a inflação. De outro, com a deterioração fiscal e a perspectiva de piora da inflação, alguém que tenha comprado um título com rendimento de 5,5% acima da inflação (IPCA) deixa de ter a oportunidade de adquirir o mesmo título com rendimento de 6,5%, daí o rendimento negativo.

A deterioração fiscal no Brasil explica boa parte da queda do Ibovespa. A ausência de regras fiscais críveis e a dominância fiscal são os determinantes principais da história. No clássico *Some Unpleasant Monetarist Arithimetics*, Sargent & Wallace (1981) postulam uma verdade universal que às vezes é esquecida: em economias com dominância fiscal (quando o Banco Central está subindo juros para coibir a inflação, mas o governo continua gastando e aumentando o déficit fiscal) a alta de juros pode levar à alta de inflação. Quando a autoridade monetária está sozinha no combate à inflação, a alta de juros terá que ser muito maior para produzir igual impacto na inflação. O mercado irá reverter tal percepção negativa e a Bolsa poderá parar de cair apenas se o governo sinalizar uma mudança de comportamento: de um sistema discricionário para um pautado por regras fiscais críveis e cabíveis de serem implementadas num horizonte temporal factível.

**VITORIA SADDI é estrategista da SM Futures. Dirigiu a mesa de derivativos do JP Morgan e foi economista-chefe do Roubini Global Economics, Citibank, Salomon Brothers e Queluz Asset, em Londres, Nova York e São Paulo. Também foi professora na California State University, na University of Southern California e no Insper. É PhD em economia pela University of Southern California.*

Clube de Revistas
seu
NEGÓCIO
É O NOSSO
negócio
O mundo é cheio de pessoas e empresários peculiares, mas quando eles se encontram dá negócio. E ajudando este e diversos outros tipos de negócios a acontecerem está a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo ou CNC, para os íntimos.
A CNC existe para dar suporte e defender as empresas brasileiras, garantindo um ambiente de negócios favorável a todos. E quando falamos todos, são todos mesmo. Até os peculiares. Afinal, seu negócio é o nosso negócio.
Assista ao vídeo
CNC
Sesc
Senac
portaldocomercio.org.br